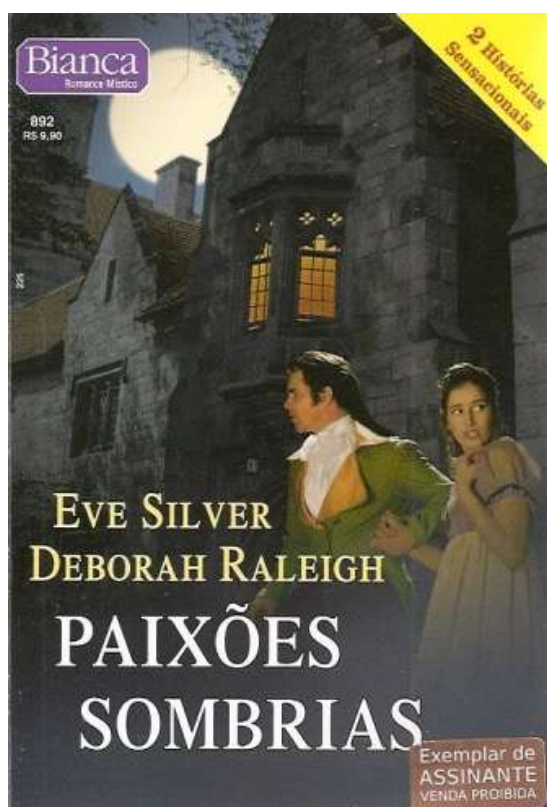


A Fera
(To Tame the Beast)

Deborah Raleigh



(Série Paixões Sombrias 02)

Em vingança pela maldição que o condenou às trevas, a criatura conhecida como Fera MacDonnell exige para si a filha mais velha de cada geração. E a irmã de Isobella está prestes a sofrer este trágico destino, a menos que Isobella consiga salvá-la. Destemida, ela se prepara para enfrentar a Fera, mas em lugar de um monstro, encontra algo inesperado: um homem belo e atraente, com olhos prateados hipnotizantes e tentadores...

Digitalização: Crysty

Revisão: Andrea Rios





Perigosa procura...

Isabella não tem medo da Fera. Ela está determinada a ir ao encontro dessa criatura misteriosa que vive nos recônditos da floresta e que reivindica para si a filha primogênita de cada geração do clã Foster, e acabar de uma vez por todas com a maldição que está pondo em risco a vida de sua querida irmã mais velha. Isobella, porém, não sabia ao certo o que esperava encontrar, mas certamente não o que acabou encontrando...

Leonice Pomponio Editora



Copyright © 2008 by Eve Silver

Copyright © 2005 by Debbie Raleigh

Originalmente publicado em 2008 pela Kensington Publishing Corp.
PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY,NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: NATURE OF THE BEAST - PARTE II

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

© 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10 andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS Patrícia Chaves

Paula Rotta Vânia Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Cristina Calderini Tognelli e

Elizabeth Arantes Bueno

Mônica Maldonado

CAPÍTULO I

Escócia, 1670

As sombras nas cercanias do castelo ganharam tons mais sinistros, deixando a impressão de haver alguma coisa estranha e maligna no ar. Por trás das grossas paredes da antiga fortaleza, as ruidosas celebrações continuavam, mas os criados que estavam na área externa pararam abruptamente de falar, assustados. Havia sentido a presença de alguém chegando. E não era nenhum visitante convidado.

— A Fera está rondando por aqui! — ecoavam os sussurros apreensivos. — Ele não teme deixar a mata depois que anoitece. Vem receber o que lhe devem.

Apavorados, os criados se apressaram a buscar um lugar seguro onde pudessem se proteger, fazendo repetidamente o sinal-da-cruz e rezando sem parar. Todos sabiam que, se por infelicidade se envolvessem com a maldição de MacDonnell, isso lhes significaria morte certa.

Parado do lado de fora do portão aberto, Bane observou, divertido, a correria dos criados. Raramente permitia que sua presença fosse percebida. Não gostava muito de deixar o isolamento de seu abrigo e preferia se mover sempre silenciosamente e sem ser notado. Naquela noite, porém, desejava sentir sua força sombria. Afinal de contas, aquela era uma noite muito especial.

Lá dentro, no salão nobre do castelo, estava sendo celebrada a festa de despedida da filha mais velha do chefe do clã. Faziam homenagens à jovem e lhe erguiam brindes como se fosse a convidada de honra da festa.

Não comemoravam um aniversário, embora naquela noite a moça completasse vinte e um anos. Estavam brindando ao sacrifício da jovem, que seria entregue para a Fera, aquele que fora morto e enterrado séculos antes, mas revivera em busca de vingança.

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Bane. Segundo a tradição, essa idade marcava a entrega da filha primogênita de cada geração do clã Foster a Bane MacDonnell, conhecido como "a Fera". Após a celebração, a moça ficaria esperando que a Fera viesse buscá-la e a levasse para seu sombrio covil.

A moça iria sem protestar, claro. A maldição a obrigava a aceitar aquele destino, e ela enfrentaria qualquer obstáculo, ou mataria qualquer um que se interpusesse em seu caminho e tentasse impedir que ela se entregasse a Bane. Não que alguém fosse se atrever a fazer isso, Bane sabia muito bem. Todos conheciam a antiga lenda. O sacrifício da jovem era o preço que mantinha o clã Foster livre da morte certa. Oh, sim. Por mais que se compadecessem da pobre moça, não hesitavam em embrulhá-la como a um leitão engordado e jogá-la em uma vala, se fosse preciso, para salvar a própria pele.

Bane conhecia bem a covardia dos membros daquele clã. Embora dois séculos tivessem se passado, ele se lembrava claramente dos homens que o haviam condenado a seu destino impiedoso. Nenhum deles estava disposto a se

arriscar à ira do chefe, dando um aviso ou levantando a espada em sua defesa. A honra e a lealdade tinham sido vendidas por não mais do que uma chance de aparecer, de desempenhar o papel esperado diante do senhor do clã. Bane apertou os lábios. Isso, claro, fora somente o início da traição.

À distância, podia ouvir o tilintar das pesadas canecas de cerveja sobre as mesas de madeira, e deixou de lado as lembranças. A celebração logo chegaria ao fim. Era hora de reivindicar o sacrifício que lhe seria oferecido. Indiferente aos guerreiros que se alinhavam junto às muralhas, ele se moveu silenciosamente para mais perto. Que necessidade tinha de temer alguma coisa? Sua morte por espada naquele passado distante lhe assegurara defesa contra qualquer ameaça fatal no tempo presente. Fora uma ironia do destino que o antigo chefe do clã, ao ordenar sua morte, asseguraria que seus sucessores não seriam capazes de pôr um fim à sua vingança.

Estava quase chegando ao portão quando parou ao ouvir o som de passos. Com agilidade, escondeu-se nas sombras, curioso para descobrir quem ousava ignorar a ameaça sombria que rondava o castelo. Só podia ser algum tolo. Ou alguém desesperado. Um sorriso frio surgiu novamente em seus lábios enquanto levantava a cabeça e cheirava o ar. Ah, sim. Uma jovem Foster. O cheiro do sangue era indisfarçável.

Aquilo não era surpresa. Não seria a primeira vez que a moça prestes a ser sacrificada tentava fugir, pensou ele com desdém. Havia pouca coragem ou dignidade fluindo nas veias de seu inimigo.

Decidido a esperar pela moça que caminhava rumo ao seu destino, Bane distraidamente ajeitou a corrente dourada em volta do pescoço. Seria muito fácil enfeitiçá-la quando estivesse passando por ali, embora isso não lhe desse a mesma satisfação que reivindicá-la diante do próprio pai e membros do clã.

Quando os passos se aproximaram, ele franziu a testa. Mais uma vez cheirou o ar. Havia *duas* mulheres se aproximando. Uma era uma velha criada. A outra... Era uma Foster, sem dúvida. Mas não a que ele viera buscar.

Escondendo-se mais nas sombras, ele as observou passando pelo portão. O que teria levado a atrevida a sair do castelo a uma hora daquelas? Qualquer mulher com juízo estaria trancada em seus aposentos, numa noite como aquela. Intrigado, Bane observou atentamente a garota esguia, agora iluminada pelo luar. Embora estivesse envolta em um manto pesado que a cobrisse da cabeça aos pés, era possível notar que a moça tinha traços delicados; mais delicados do que a maioria das mulheres do clã. Reparou também no brilho determinado nos olhos dela, um brilho que denotava coragem, audácia. E, além disso, ao contrário das demais mulheres do clã, aquela moça não tinha os cabelos dourados da cor do sol nascente, e sim uma cabeleira ruiva que se assemelhava a uma chama de fogo, emoldurando o rosto alvo. Havia nela muito pouco que o fizesse se lembrar da traidora que o enganara quase duzentos anos antes.

Apenas o cheiro de seu sangue. Apesar da urgência em completar sua vingança e voltar ao seu abrigo, Bane deixou-se distrair, observando a jovem e a criada pesadona e grisalha, que estendia a mão e segurava o manto de sua patroa, tentando detê-la.

— Isobella, isto é uma loucura! Deve voltar imediatamente ao castelo.

Impaciente, a garota empurrou a mão da criada.

— Não, Janet, me deixe.

— Mas não posso deixar milady fazer o que pretende — a criada protestou.
— Há algo assustador pairando no ar.

Isobella suspirou aborrecida, mas não escapou dos olhos atentos de Bane o leve tremor em seu corpo.

— Você quer que eu me acovarde atrás desses muros? Esperando de braços cruzados que a Fera venha buscar minha irmã, sem nem ao menos tentar resistir, como aqueles idiotas que comemoram o sacrifício de Katherine com um banquete e alegam ser nobres e guerreiros?

O tom da voz dela era firme, e Bane se surpreendeu. Então a jovem era diferente dos outros membros do clã não somente na aparência física.

— Não há nada que possa fazer milady. A maldição não pode ser quebrada. Se Katherine não se oferecer à Fera, todos os homens, mulheres e crianças serão mortas. É isso o que quer que aconteça?

— Claro que não. Mas não pretendo me resignar a aceitar o destino de minha irmã. Deve haver um modo de acabar com a maldição. Tem de haver — murmurou a moça, olhando em direção à mata fechada.

— Não há modo algum. Todos que tentaram resistir estão agora em seus túmulos — a criada retrucou. — Se é que não tiveram destino pior.

— É o que toda a vida nos contaram. Por tanto tempo nosso povo tem se amedrontado a tal ponto, que ninguém nunca tomou uma iniciativa para tentar acabar com essa praga.

— Não é verdade, milady. — A velha criada fez o sinal-da-cruz, olhando ao redor, pressentindo o perigo que espreitava. — Todos os que se aventuraram a enfrentar a Fera jamais voltaram.

Isobella balançou a cabeça.

— Guerreiros tolos e bêbados em busca de glória. Nenhum deles alguma vez procurou saber qual é o ponto fraco da Fera para poder abatê-la.

— É isso que milady pretende fazer?

— E o que mais posso fazer? — As delicadas feições de Isobella endureceram sob o luar. — Não posso ficar escondida dentro do castelo e não fazer nada para ajudar minha irmã.

Bane assistia à cena, imóvel e estranhamente fascinado.

— Sei que é difícil, mas pense bem, milady, ninguém tem certeza de que a Fera virá esta noite para buscar Katherine. Comentam que às vezes ele demora dias, ou até semanas, antes de vir reivindicar seu prêmio.

— Mas ele virá.

A criada suspirou.

— Oh, sim... Mais cedo ou mais tarde, ele virá.

— Pois então. Eu não vou desistir agora. Tive esperança de que papai se armasse de coragem para fazer o que fosse necessário, mas... —Isobella deu de ombros. — Esperei em vão. Agora a tarefa está sobre os meus ombros.

— Não, Isobella, não faça isso, minha menina!

— Não vou mudar de ideia, Janet. Volte para o salão e fique ao lado de Katherine.

Apesar do tom calmo e gentil com que a ordem fora dada, era indiscutível a autoridade na voz da moça. Parecia habituada a ser obedecida.

Levantando o manto a ponto de quase cobrir os olhos, a criada passou apressada pelo portão, voltando ao interior do castelo. Ao se ver sozinha, Isobella parou por um momento, olhando para a escuridão com visível apreensão. Até que ergueu o queixo orgulhosamente e se dirigiu para o trecho onde a mata era mais fechada.

Bane hesitou. Ele viera ali com um propósito definido: capturar o seu prêmio e voltar para seu abrigo. Simples e sem qualquer complicação. Justamente como ele preferia que fosse a sua existência.

Agora, no entanto, não podia negar a estranha compulsão que o atraía àquela jovem. Ela havia conseguido o que nenhuma outra mulher conseguira nos últimos dois séculos. Despertar seu interesse. Tomou, então, uma decisão. Viria buscar o prêmio numa outra hora.

Seguiu Isobella sem querer perder tempo, analisando seu próprio comportamento. Sim, a moça o interessava. Isso tinha alguma importância? Bem, quem sabe fosse uma bem-vinda mudança em sua rotina distrair-se vendo a arrojada menina Foster tentar superar a Fera.

Bane moveu-se pela mata fechada com sua habitual facilidade, incomum para qualquer ser humano. Nem uma folha foi tocada, porém o ar parecia pesado e estranho, o que fez Isobella olhar por sobre o ombro mais de uma vez, como se sentisse a presença dele. Percebia a aproximação de alguém. Ainda assim continuava em frente, talvez tentando se convencer de que os arrepios em sua pele eram apenas fruto da apreensão natural numa situação como aquela.

Ela penetrou mata adentro, aproximando-se cada vez mais do vale lúgubre onde ficava o covil. Os lábios de Bane se curvaram ligeiramente num sorriso, apreciando a coragem daquela garota. Coragem, ou completa falta de juízo. Poucos ousariam chegar assim tão perto daquele lugar mórbido e assustador.

Desviando-se do caminho, Isobella caminhou até uma pequena clareira. Encostou-se a uma árvore e puxou um pequeno punhal de debaixo de seu manto.

— Quem está aí? Apareça! — desafiou.

Bane observou o pulsar agitado na base do pescoço da jovem. Pelas barbas de Jeová, aquela garota despertava seus instintos, sua sede de sangue. Mas não era só isso... Ela lhe despertava algo mais, uma sensação que parecia um eco de uma lembrança muito distante.

Permanecendo em meio às sombras, ele cruzou os braços sobre o peito.

— Pensa que pode me dar ordens, mocinha?

O coração de Isobella disparou, contudo ela permaneceu atenta e pronta para lutar se fosse preciso. A ideia de fugir nem lhe passava pela cabeça.

— É um direito meu! — A voz dela soou através da clareira. — Estas terras são dos Foster, e eu sou filha do chefe do clã.

Bane torceu os lábios.

— E com que orgulho diz isso...

— Não é orgulho. É simplesmente a verdade.

— Eu sei quem você é — ele retrucou com desdém. — Posso sentir o cheiro do sangue de seu pai no ar. — Os olhos de Isobella brilharam de raiva.

— Pretende me insultar enquanto fica escondido atrás das árvores? Por que não sai das sombras? Tem vergonha de mostrar a sua cara?

— Não preciso ter vergonha, já que minha honra está acima de qualquer reprovação. — Ele permitiu um pequeno momento de silêncio. — Pode dizer o mesmo, filha de Foster?

Um rubor cobriu o rosto da jovem. Bane semicerrou os olhos. Aquilo significava que a tal Isobella estava ciente da desgraça de sua família.

— Está perdendo seu tempo — ela disse por fim. — Não gosto de participar de joguinhos tolos.

— Ah. Então do que é que você gosta, de ficar sozinha no escuro?

— Não que seja da sua conta, mas estou apenas no meu caminho.

Silenciosamente Bane moveu-se entre as árvores, aproximando-se mais da clareira.

— A caminho de onde?

Isobella ficou parada, tentando enxergar quem falava, mas não conseguia ver nada na escuridão.

— Este é um assunto meu e de mais ninguém.

— Não deveria estar debaixo de seus lençóis virginais a esta hora? A mata escura é um lugar perigoso para uma moça bonita.

— Não tenho medo. — Ela ergueu o punhal e deu um passo em direção à voz que vinha das sombras.

Bane não conseguiu deixar de rir.

— Acredita que esteja protegida por essa lâmina? Ou é essa sua língua afiada que afugenta os demônios?

Isobella ergueu o queixo, com altivez.

— Sou protegida por meu pai e por seus homens. Se alguma coisa acontecer comigo, não haverá nenhum lugar do mundo onde o senhor possa se esconder.

Bane sentiu o ódio de tantos anos fluir em seu corpo. Havia sido exatamente naquele lugar que ele fora cercado pelos guerreiros de Foster e brutalmente atacado. E tudo pelo amor de uma mulher.

— Ah, o mesmo pai que agora brinda e bebe no salão nobre, esperando para entregar a filha à Fera MacDonnell? — ele ironizou. — Estou tremendo de medo...

O rubor no rosto de Isobella se intensificou de raiva e de vergonha.

— Pelos santos do céu, não vou ficar aqui falando para as sombras. Apareça, ou então ponha-se no seu caminho!

Bane hesitou. Ele *devia* seguir seu caminho. Voltar para o castelo e pegar seu prêmio ou confrontar o chefe do clã Foster. Continuar ali implicava em mais do que um pequeno atraso, e principalmente, implicava em mais do que mera curiosidade. Estranhamente, quando o pensamento passou por sua mente, ele já tinha tomado sua decisão. Iria se demorar um pouco mais. Já fazia quase dois séculos que ele não se interessava assim por uma mulher. E não estava muito ansioso em voltar ao seu solitário refúgio.

Ignorando o alerta que soava em sua mente, Bane deu um passo à frente, permitindo que o luar revelasse sua pessoa.

— Como queira, milady.

Isobella não era tola. Na verdade, muitos cochichavam às escondidas que ela tinha sido amaldiçoada por ter nascido com qualidades que seriam de muito maior utilidade em um homem do que em uma mulher. Desde o momento em que saíra do castelo, soubera que estava seguindo um caminho arriscado. Por séculos, a Fera torturava sua família, exigindo sempre a filha mais velha do clã Foster em cada geração, sem qualquer piedade. E por séculos não houvera um lorde ou guerreiro que conseguisse sequer perturbar o monstro. Ninguém ousava entrar no trecho enevado da floresta onde a Fera ficava à espreita. Fazer isso era o mesmo que caminhar para a morte certa. E nem mesmo o mais destemido dos guerreiros se mostrava disposto a enfrentar a escuridão quando sentia algo de estranho e arrepiador no ar e ouvia os murmúrios da Fera ecoando pelas cercanias.

O que uma mulher com nada mais além de um pequeno punhal poderia fazer? Essa era uma pergunta para a qual ela não tinha resposta. Nem mesmo quando mandara sua criada voltar ao castelo e se forçara a embrenhar-se na mata. Tudo o que sabia com certeza era que observar o pai e seus guerreiros se embebedando até cair enquanto a pobre Katherine esperava pela morte era mais do que ela conseguia suportar.

E ela não era covarde. Os outros que se escondessem e culpassem o destino pela perda de Katherine. Ela tentaria fazer alguma coisa para salvar a irmã. Pelo menos, tentaria.

Com somente uma vaga esperança de chegar até a Fera e vencê-la, ela tinha procurado ignorar o silêncio estranho no ar que fazia sua pele se arrepiar de medo. O covil da Fera não ficava longe do castelo. Certamente ela poderia manter sua coragem por um pouco mais de tempo.

Entretida em se manter firme e prosseguir seu caminho, Isobella não percebera que tinha sido seguida. Não até que entrara naquele trecho mais escuro da floresta. Não que tivesse escutado o intruso, ou mesmo avistado de relance o seu vulto. Era mais uma sensação, uma consciência do perigo. Estava

longe demais do castelo para gritar por socorro, por isso vira-se forçada a parar ali na clareira, onde poderia tentar convencer o estranho a se afastar.

Fora uma atitude razoável. Até que o intruso saíra de trás das árvores. E então, o medo que a invadia foi subitamente substituído pela surpresa. Por todos os santos, ele era... Lindo.

Mais alto que o pai dela, considerado um homem enorme, o desconhecido era esbelto, mas podia-se notar seu corpo musculoso por baixo do manto de seda. Sob o luar, seus longos cabelos eram negros como as asas de um corvo e caíam abaixo dos ombros. A pele clara como alabastro e as feições perfeitas fizeram Isobella se esquecer de respirar por um momento. Talvez as sobancelhas dele fossem grossas demais e os lábios sensualmente cheios... Mas isso em nada diminuía a sua beleza máscula.

Engolindo em seco, ela finalmente forçou-se a encarar o estranho. Seu coração pareceu dar um pulso para fora do lugar dentro do peito. Nunca, em toda a sua vida, tinha visto olhos como os daquele homem. Prateados na cor eram brilhantes como fogo. E letais. Um homem lindo, uma voz murmurou no fundo de sua mente, mas perigoso. Talvez tão perigoso quanto à própria Fera. Mantendo o punhal levantado em um óbvio sinal de ameaça, Isobella forçou-se a respirar profundamente.

— Quem é o senhor?

— Um viajante de passagem — ele murmurou, voz sedosa e com uma cadência peculiar. Ele não pertencia ao clã de seu pai. Nem de qualquer outro clã contra o qual houvessem lutado. Não com aqueles cabelos negros e olhos prateados. Ainda assim, ele a reconhecera; sabia quem ela era, e isso não condizia com um simples viajante.

— Não acredito no senhor.

— Não?

— Um viajante não passaria pelas terras de meu clã sem parar antes no castelo e pedir permissão ao meu pai.

— Permissão? — Os olhos dele brilharam perigosamente. — Não peço permissões para homem algum. Caminho por onde quero e nada se coloca à minha frente.

— O senhor demonstra muita coragem diante de uma dama indefesa. Mas duvido que fosse assim tão corajoso diante dos guerreiros de meu pai, caso eles aparecessem diante do senhor.

Bane deu um passo na direção dela.

— Se os guerreiros de seu pai aparecerem aqui, eles morrerão.

Isobella apertou os dedos em volta do cabo do punhal com tanta força que eles perderam a cor.

— Dê um passo para trás, senhor viajante, ou juro que o farei sangrar!

Bane olhou casualmente para o afiado punhal antes de tirá-lo sem esforço das mãos de Isobella.

— Não me ameace mulher!

Ele estava parado tão perto, que Isobella foi forçada a inclinar a cabeça para trás para olhá-lo. À luz do luar, ele pareceu extraordinariamente bonito quando estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelos do rosto dela. Ela sentiu a boca seca e o coração bater enlouquecido. Disse a si mesmo que era medo. Que mulher de bom-senso não ficaria aterrorizada naquela situação? Mas havia um arrepio percorrendo insistentemente a sua espinha, que ela suspeitava não ter nada a ver com terror.

— Milady não se parece com os Foster. Eu nunca tinha visto um cabelo como o seu. Nem olhos cor de esmeralda que foram beijados pelo ouro. Isso é muito peculiar.

Isobella engoliu em seco.

— Está insinuando que eu sou filha ilegítima?

— De maneira alguma. Eu não lhe disse que senti o cheiro do sangue de seu pai? Não, embora não se pareça, milady é uma Foster, o que é uma pena. — Os dedos deslizaram suavemente na base do pescoço de Isobella.

Por um embaraçoso momento ela temeu que seus joelhos fraquejassem. A pele do estranho era fria como gelo, mas ao mesmo tempo parecia transmitir o calor de uma brasa. Era como se estivesse sendo tocada pelo fogo. Isobella mordeu com força o lábio inferior para não soltar um gemido.

Por todos os santos, não seja uma tola, Isobella Foster!, repreendeu a si mesma.

O homem era obviamente um inimigo do pai dela. Podia estar ali para aprisioná-la e exigir um resgate. Ou desonrá-la. Ou até mesmo matá-la. E tudo o que ela fazia naquele momento era se perturbar com a beleza máscula do estranho! Que bela guerreira ela estava demonstrando ser...

— O senhor parece ser arrogante demais, viajante. — Um leve sorriso surgiu nos lábios dele.

— Sinto seu coração disparado. Está com medo?

— Não!

— Diga-me o que procurava nesta escuridão.

A voz macia a enfeitiçava. Com esforço, ela sacudiu a estranha letargia que a envolvia.

— Deixe estar. É assunto meu.

— Diga-me.

Ela não tinha intenção de contar nada àquele homem. O que viera procurar no escuro não era problema de ninguém a não ser dela própria. Além do mais, era a filha do chefe do clã. Devia obediência apenas e tão-somente ao pai.

Sendo assim, por que seus lábios se abriam como que por vontade própria e seu olhar se mantinha preso àqueles olhos cor de prata?

— Estou procurando... A Fera.

— A Fera?

— Sim. Uma criatura medonha que tem amaldiçoado o meu clã há várias gerações.

— Ah. — Ele mordeu levemente os lábios. — E já viu a Fera alguma vez?

— Claro que não. Ele vive em meio às sombras e dizem que caça sob a luz da lua. E pretende agora, vindo buscar a minha irmã. Estarei esperando por ele, para impedir que a leve.

O estranho estendeu a mão e tocou-a no rosto, estudando-lhe as feições cuidadosamente.

— Você, minha doçura, ou é muito ousada ou é muito tola — ele murmurou. — Certamente não acredita que possa matar uma criatura lendária? — Seu olhar se deteve nos lábios entreabertos de Isobella. — Ou talvez pense em seduzi-lo e subjugá-lo à sua vontade?

Isobella prendeu a respiração. Aquele homem a estava envolvendo de uma maneira que *não* conseguia compreender.

— Se ele vive, pode ser morto. E eu descobrirei um meio de fazer isso — ela rebateu.

Agora os dedos dele gentilmente acariciavam a linha dos lábios de Isobella. No fundo ela sabia que devia protestar, contudo nada fez. Ao contrário. Descansou as mãos no peito forte do estranho. Sob as palmas podia sentir o tecido sedoso do manto e a força dos músculos. Um calor inesperado invadiu seu corpo.

— Não deveriam ser seu pai e seus bravos guerreiros a caçarem o inimigo que amaldiçoa o clã? — ele murmurou.

— Esta é minha escolha. Eu decidi fazê-lo, por minha própria conta e risco. Meu pai não sabe que saí do castelo.

Os olhos dele escureceram. Suas feições austeras pareceram suavizar quando começou a baixar a cabeça.

— Não, minha bela. A escolha é minha.

Uma onda de prazer invadiu o corpo de Isobella quando ela sentiu o leve roçar dos lábios do estranho sob os seus. Oh, mas ela tinha sonhado com aquele momento. Ansiado por ele, verdade seja dita. Que mulher não sonhava com seu primeiro beijo?

E, no entanto, ainda era pega de surpresa.

Os homens de seu clã não seduziam as mulheres com beijos. Não acariciavam com aquela ternura, como se ela fosse um objeto raro e delicado, nem murmuravam palavras que faziam uma mulher estremecer de desejo. Eles tendiam mais a agarrar uma mulher e desfrutar de prazeres, sem sequer considerar o que a companheira estaria sentindo.

Isobella sentiu-se perder no aroma daquele corpo másculo. Aquela era a magia com que tinha sonhado. O calor que percorria seu sangue, a excitação que chegava a doer e que a invadia por entre as coxas. Os lábios do estranho

moldavam-se aos dela, gentilmente testando, provocando com a língua, até ela estar pronta para gemer de frustração.

Com uma exclamação abafada, enterrou os dedos nos cabelos do desconhecido, arqueando o corpo para a frente, até que não havia espaço para respirar entre eles. Estava possuída por um desejo que não podia explicar. Um desejo que somente ele podia satisfazer.

Como se estivesse esperando por aquele preciso momento Bane tornou o beijo mais ousado, mais íntimo, sua língua deslizando sobre os lábios dela. Isobella gemeu incerta do que ele desejava.

— Abra sua boca para mim, Isobella — ele murmurou, segurando-a pelos quadris, pressionou-a contra seu corpo excitado.

Isobella entreabriu os lábios e gemeu quando a língua dele invadiu sua boca. Sua velha babá jamais lhe havia dito sobre essas coisas quando explicara o que ocorria entre um homem e uma mulher na escuridão da noite. Nada dissera sobre o prazer que tal intimidade podia provocar.

Seus dedos se agarraram aos cabelos dele, seu corpo todo tremendo. Estava tão junto de um homem quanto era possível, mas mesmo assim isso não a satisfazia. Queria estar ainda mais perto. Queria algo que não sabia ao certo o que era algo fora de seu alcance.

Com um gemido, o homem lhe beijava o rosto, seus lábios distribuindo pequenas carícias. Parou por um instante, e então ela sentiu uma dor aguda na base do pescoço.

— Perdoe-me. — Ela o ouviu murmurar enquanto enterrava os dentes na carne macia e a escuridão a envolveu.

Isobella perdeu os sentidos.

CAPÍTULO II

Isobella lutou para deixar a escuridão para trás. Por um longo momento, ficou deitada, tentando se lembrar de onde estava e por que sua cabeça doía tanto. Não levou muito tempo para perceber que estava em seu próprio quarto. Não havia como deixar de sentir o aroma das flores que colocara em um vaso junto à cama e o perfume dos lençóis de linho que mandava trocar diariamente. Um alívio, ela reconheceu, mas havia algo de estranho, como se alguém tivesse batido sua cabeça contra as tábuas dos portões do castelo. Esforçou-se para se lembrar do que fizera na véspera.

Lembrava-se da celebração dedicada à irmã. Tinha sido obrigada a ficar na festa durante todo o jantar e bebera brindes até seus dentes doerem. E então... O que mais?

Havia uma vaga lembrança de ter conversado com sua babá e de caminhar pela floresta, mas tudo parecia ser parte de um sonho e não da realidade. Um pesadelo, talvez, que acontecera devido à preocupação que ocupava sua mente. Permaneceu deitada, pensando, insatisfeita. Havia acontecido alguma coisa mais. Passara por momentos de quando caminhara no escuro e então... Um homem.

Santo Deus! O coração de Isobella disparou. Oh, sim. Houvera um homem. Um homem lindo e perigoso, que tinha lhe roubado a vontade e praticamente o coração quando a beijara com incrível suavidade. Não usara de violência alguma, não a forcara a nada. E ele não fizera parte de um sonho. Nem de um pesadelo. Mesmo agora podia sentir, como se estivesse acontecendo naquele exato momento, o toque gelado dos dedos dele e o calor fluindo por suas veias. E tinha sido mágico quando ele a beijara sob o luar e então... Tudo escurecera.

Como ela fora parar em sua própria cama quando não se lembrava absolutamente de ter percorrido o trajeto de volta?

— Ela ainda está dormindo? — A voz suave da irmã se intrometeu abruptamente em seus confusos pensamentos.

Sentiu Katherine lhe tocando a testa.

— Ela não está com febre, nem com ferimentos. Talvez tenha demorado demais para dormir e agora desconta o tempo perdido. Não creio que alguém tenha conseguido dormir bem com todo o barulho que vinha do salão.

— Oh, não foi isso. Milady decidiu ir... Alarmada com o que a criada poderia revelar quanto ao seu insensato passeio da noite anterior. Isobella forçou-se a abrir os olhos.

— Janet... — Lançou um olhar firme para a criada. Não queria que a irmã soubesse da preocupação que a atormentava. — Prepare meu banho. Quero me enfiar em uma tina com água bem quente.

Janet fitou-a com ar de desaprovação, mas não ousou fazer comentário algum e se entreteve em ajeitar a roupa da cama por um instante, preparando-se para deixar o quarto em seguida.

— Sim, milady. Seu banho estará pronto em minutos.

Esperando até estarem sozinhas, Katherine gentilmente acariciou os cabelos de Isobella. Bem diferente da irmã, Katherine era alta, tinha um corpo curvilíneo e cabelos dourados como os do pai. Uma jovem linda, que deveria estar casada e gerando filhos, não esperando pela morte. O coração de Isobella foi invadido pela dor familiar.

— Oh, minha irmã, Janet me deixou preocupada — Katherine murmurou. — Ela me disse que você não acordava e ela temia que estivesse ferida.

Isobella forçou um sorriso.

— Ora, Janet está sempre se preocupando com bobagens.

Contudo, Katherine não era de se convencer assim tão facilmente.

— Bobagens? Mas você está muito pálida. E muito fria também — acrescentou, segurando a mão da irmã. — Será que contraiu alguma doença?

— Estou me sentindo perfeitamente bem, Katherine, apenas cansada. — Ela fez uma careta, procurando não se afastar muito da verdade. — A noite de ontem foi longa demais.

Katherine suspirou.

— Oh, sim... Para mim também. Ontem vim aqui procurá-la para conversarmos, mas não a encontrei — murmurou.

— Eu não conseguia dormir.

— E aonde foi?

— Saí apenas para dar uma volta no jardim.

— Isobella. — A irmã lhe dirigiu um olhar de censura. — Você foi passear no jardim debaixo daquela neblina da noite? E se a Fera aparecesse?

— Não sou eu quem deve ter medo da Fera! — Isobella observou com voz estridente.

— Mas há outros perigos na noite.

A lembrança daquele homem de cabelos negros e olhos prateados lhe voltou à mente.

— Sim, foi o que eu descobri.

Katherine percebeu que a irmã estava tensa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada.

A irmã não se deu por satisfeita.

— Isobella?

— O que foi?

Katherine suspirou profundamente.

— Gostaria que me promettesse que tomará mais cuidado cada vez que sair do castelo. Logo não estarei mais aqui e...

Isobella sentiu-se como se seu coração estivesse sendo esfaqueado.

— Não diga isso, Katherine!

— Mas é verdade, você sabe. Mais cedo ou mais tarde eu terei de ir. E você vive se metendo em problemas. Papai nunca conseguiu controlá-la, e nenhum homem vai conseguir isso. — Um leve sorriso suavizou as feições de Katherine. — Às vezes acredito que o povo daqui tenha mais medo de você do que da Fera.

— E estão mais do que certos — Isobella retrucou. — Não tenho estômago para aguentar esses homens. Vivem se gabando de suas habilidades guerreiras, e então se acovardam atrás dos muros quando mais precisamos deles.

Uma ponta de tristeza invadiu o olhar de Katherine.

— Não está sendo justa, Isobella. Não é bravura alguma caçar uma besta que se move com o vento e não pode ser tocada pelo aço das espadas. Esse é o jeito do nosso clã, coisa de sangue. Não faz sentido culpar nossos homens de uma coisa que eles não conseguem mudar.

Aquele era um argumento já conhecido, mas Isobella se recusava a ficar parada e não mover um dedo, com a iminência de uma catástrofe pronta a acontecer.

— Como você pode ter toda essa certeza de que a maldição não pode acabar? Alguém precisa reagir contra ela.

Katherine balançou a cabeça.

— Oh, afaste essa amargura, minha querida. Logo acabará aceitando um dos homens como marido. O escolhido não vai lhe agradecer se acusá-lo de covardia.

— Marido? — Isobella arregalou os olhos, surpresa. — Katherine, você deve ter enlouquecido. Tudo o que sei é que nenhum de nossos homens corajosos e honrados me quer para esposa, não importa quão tentador seja o meu dote. Na verdade, circula por aí uma piadinha. Dizem que é melhor compartilhar a cama com uma leitoa selvagem do que com a filha mais nova do chefe do clã.

— Você não devia ficar ouvindo esse tipo de conversa. São tudo fofocas das nossas criadas, enciumadas com sua beleza.

— Não, não. É verdade, e eu lhe asseguro que não me importo nem um pouco com esses comentários. Vou acabar mesmo uma solteirona, só espero que não amarga. Não tenho vontade de ceder à vontade de um marido. Nem ele nem eu seríamos felizes.

— Mas...

— Chega dessa conversa, Katherine.

Isobella se levantou da cama. Não queria discutir com a irmã. Além do mais, precisava ficar sozinha por alguns momentos para tentar ordenar seus pensamentos confusos. Alguma coisa tinha acontecido na noite anterior. Alguma coisa estranha e inesperada, e ela precisava determinar se tinha a ver com Katherine.

— Preciso mesmo de um bom banho — mentiu.

— Eu... — Katherine suspirou novamente. Ninguém conseguia vencer Isobella naquele tipo de discussão. — Muito bem, então. Vá tomar o seu banho.

O magnífico castelo de pedra, refúgio de Bane, havia sido criado pela mesma bruxa que o tirara dos braços da morte. Era uma construção que envolvia mágica, mas sua natureza artística era glorificada pela bela arquitetura e tapeçarias luxuosas. Nem mesmo um rei podia se gabar de ter aposentos tão suntuosos. E o mais importante, o castelo ficava perenemente envolvido pela neblina e, assim, protegido da luz do sol.

A qualquer hora do dia Bane podia caminhar por toda a sua propriedade, que se tornara uma verdadeira fonte de paz em sua triste existência.

Estava naquele momento sentado em um sofá confortável na biblioteca quando sentiu um arrepio na espinha. Em um instante ele estava de pé.

Isobella.

Apesar de que ela mal tinha deixado os portões do castelo dos Foster, Bane podia sentir sua aproximação. Assim como a sua incrível determinação.

Mas por que ela estava vindo?

Ele tivera o cuidado de usar seus poderes para que Isobella se esquecesse do encontro de ambos na noite anterior. Era o mesmo poder que ele usava depois de se alimentar com o sangue de viajantes que passavam pela região. Essas pessoas acordavam um pouco fracas, confusas, mas sem se lembrar de que haviam encontrado a lendária criatura que habitava a mata.

Talvez Isobella não se lembrasse de nada. Teimosa demais continuava querendo encontrar um meio de livrar a irmã da maldição. Ou possuía a rara habilidade de passar pelas barreiras que ele havia erguido na mente dela? Ou mais perturbador que tudo, era possível que, inconscientemente, ele a tivesse chamado com a força do pensamento. Afinal, não estava a toda hora pensando nela? As perguntas o atormentaram quando descobriu que Isobella já saíra de seu castelo e estava na mata.

Ele podia, é claro, fazê-la seguir por um caminho que não a trouxesse até ali. Isobella vagaria confusa durante dias, até que finalmente morreria de fome. O problema estaria resolvido, e desapareceria de vez aquele desejo feroz que ele sentia pela jovem.

As paixões que pensara ter deixado em seu túmulo haviam ressurgido. Por dois séculos, sobrevivera sob o manto da solidão. Somente o desejo de vingança ousava perturbar essa calma.

No entanto agora Isobella o excitava. Curioso... Fazia tanto tempo não sentia o desejo de ter uma mulher em seus braços.

Um espaço de tempo terrivelmente longo.

Movendo-se em velocidade espantosa, Bane deixou seu próprio castelo e penetrou na área sombria que o rodeava. À distância, podia sentir Isobella se aproximando.

E se lembrava das sardas espalhadas por sua pele e do estranho calor que tentava quebrar o gelo que envolvia o coração dele.

Parou subitamente no limite da área sombria com a clareira ainda iluminada pela claridade. O jeito era esperar ali por Isobella. Apesar de que a noite havia caído, a escuridão ainda não era suficiente para ele se arriscar a sair da proteção de seu abrigo. Pagara um preço alto demais por sua existência imortal.

Impaciente, começou a andar de um lado para o outro, até ouvir o barulho de folhas denunciando a aproximação de Isobella. Ela vinha exatamente naquela direção, e Bane já estava preparado quando ela surgiu de repente à sua frente. Estendeu os braços e a segurou pelos ombros.

— Não ouse passar daqui — ele comandou.

Isobella ficou em silêncio, perturbada. Não se assustara. Novamente sentira os efeitos físicos em seu corpo quando diante do estranho.

— Você é... real — ela balbuciou.

Bane comprimiu os lábios. Começava a se conscientizar de que Isobella era capaz de penetrar em sua teia mágica. O melhor seria manter uma boa distância entre eles.

Mesmo assim, suas mãos não obedeciam à razão, e ele acariciou de leve a pele macia dela. Maldição sentia-se atordoado ao tocá-la!

— Não sou inteiramente real — ele concedeu com certa amargura.

Isobella não recuou de medo. Apenas lhe dirigiu um olhar cheio de curiosidade.

— Então, quem você é? Ou eu deveria perguntar... *o que você é?*

Duas perguntas que Bane não tinha intenção de responder. Balançou a cabeça em sinal de desgosto.

— Por que está aqui, Isobella? É loucura entrar nesta área. A não ser que esteja em busca da morte.

Surpreendentemente, uma expressão quase de petulância surgiu em seu adorável olhar.

— Eu não queria estar aqui. Não sou totalmente louca.

Um dos dois decerto estava louco, Bane reconheceu, sacudindo a cabeça.

— Então, por que se meteu neste lugar?

— Porque não consegui deixar de vir — ela murmurou. — Por mais que tenha lutado o desejo de vir era como uma febre em meu sangue. Eu me atormenti o dia inteiro. — Ela o olhou, cheia de suspeitas. — Você colocou algum feitiço em mim?

Bane não parou com as carícias nas costas dela. Por todos os santos... Apesar de sua firme determinação, seu próprio desejo a trouxera até ali. *Ele* a chamara.

Seria isso?

Era possível que algo mais estranho ainda estivesse controlando sua vontade? Alguma coisa que ocorrera entre os dois e que estava além da compreensão de ambos? E qual das duas hipóteses era a menos ruim?

Seus olhares se encontraram.

— Eu queria que fosse algo fácil assim.

— O que está dizendo?

— Se fosse um mero feitiço, então eu poderia agora removê-lo e livrar a nós dois desse envolvimento estranho. Mas parece que estamos ambos confusos com o que nos está acontecendo.

Isobella mordeu o lábio. As palavras dele não a tranquilizavam. Ao contrário, aumentavam suas suspeitas.

— Ainda não me disse quem você é.

Bane ficou em silêncio por um instante.

— Isso realmente importa?

— Eu... É claro que importa.

As mãos dele agora deslizavam pelas curvas dos quadris de Isobella. Eram tão perfeitos, tão gostosos ao toque, que ele rangeu os dentes.

— Por que deveria importar? — Isobella não respondeu de imediato. Por fim, arriscou-se a explicar o que pensava.

— Porque acredito que você conheça a Fera — ela o acusou. — Talvez seja um criado dele.

— Não sou criado de ninguém.

— Mas o conhece?

Bane controlou a vontade de mentir. Mas o que importava se ela viesse a temê-lo? Ou fugisse dele, apavorada? Era o que ele sempre vira acontecer com os traícoiros Foster.

— Sim.

Ele se recusou a reconhecer o alívio que sentiu em ver que o olhar dela se encheu de raiva e não de horror como chegara a temer.

— E você sabe dos planos dele de capturar minha irmã e sacrificá-la?

Bane deu de ombros.

— Todos sabem sobre o sacrifício.

— Você não respondeu à minha pergunta — ela protestou. — Você é uma ameaça à minha irmã?

— Sua irmã sempre pertenceu à Fera. Desde o dia em que nasceu. — Imediatamente Isobella deu um passo para trás.

— Mas por quê? Katherine não fez nada de mal. Ela é inocente!

Bane inconscientemente ergueu a cabeça em um gesto arrogante. Não estava acostumado a ser desafiado. Pelo menos não desde seu retorno a este mundo.

— Ela carrega o pecado de seus ancestrais. É a justiça sendo feita.

— Não! É a sede de vingança que aceita sacrificar alguém que não tem culpa alguma. Já não se derramou mais do que o suficiente do sangue dos Foster? Por que mais este sacrifício?

— Há sangue suficiente para curar os ferimentos de uma traição, emboscada e assassinato? — Isobella meneou a cabeça ao perceber a frieza na voz dele e no próprio ar que os rodeava. Sem dúvida, lamentava o desejo implacável que a trouxera até ali.

— Você está falando de lendas antigas — ela finalmente retrucou.

Bane ficou alerta.

— O que sabe sobre elas? — Isobella balançou a cabeça.

— A história conta que um bardo apaixonou-se pela esposa de um Foster, e quando tentou raptá-la, o chefe do clã o aprisionou e matou. Ou, pelo menos, pensou tê-lo matado. De alguma forma, o bardo saiu de seu túmulo, e desde aquela noite, ao longo dos séculos, assume a forma de uma fera e exige o sacrifício da filha primogênita de cada chefe do clã, a cada geração.

O olhar de Bane se encheu de desdém. Aparentemente, seus inimigos não consideravam nenhum pecado grave demais.

— Pelo sangue dos justos, eu devia saber que os Foster não diriam nada além de mentiras. A honra não tem significado algum para eles.

Isobella ruborizou.

— Eu não minto. — Bane sorriu levemente.

— Já lhe disse que você não se parece com os Foster. Seu clã não se destaca pela preferência pela verdade.

Isobella ficou parada, olhando para o estranho, tentando descobrir o que se passava no coração dele.

— Você afirma que essa história é falsa?

Bane rangeu os dentes. Para ele, a traição não era uma antiga lenda quase esquecida pelo passar do tempo. Era uma dor que nunca passava, nunca curava, não importava quantos anos se passassem.

— Claro que é falsa — ele grunhiu. — O bardo era um homem simples, mas não era um ladrão. A mulher não estava casada e sim bastante disposta a aceitar a corte do bardo, até mesmo a implorar para se tornar esposa dele.

Isobella lançou a Bane um olhar contrariado.

— Ela era casada com o chefe do clã.

— Não é verdade — Bane protestou. — A mulher estava comprometida com o bardo quando um chefe de clã entrou na vila e pôs os olhos nela. — As lembranças desagradáveis lhe voltaram à mente. Diabos, ele fora tão apaixonado por aquela mulher, tão atraído por sua beleza! Mas era ainda muito novo e tolo a ponto de acreditar que ela correspondesse ao seu amor. — A mulher era muito bonita — ele continuou. —, e capaz de seduzir qualquer homem com seu sorriso. O chefe do clã decidiu em um momento que ela seria sua. Não importava que já estivesse comprometida.

Isobella deu um passo para trás.

— Ele... A forçou?

— Nada tão trágico — Bane admitiu, sem emoção alguma na voz. — O chefe a seduziu com promessas de uma vida mais tentadora do que aquela que o bardo poderia lhe oferecer. Seria a esposa de um chefe, teria criados, sedas e luxos. Não foram precisos mais argumentos para convencer a mulher. Ela estava em sua cama antes que o sol se pusesse no horizonte.

Isobella engoliu em seco.

— E o que aconteceu ao bardo?

Bane sorriu friamente. Era difícil se lembrar de como ele tinha sido ingênuo, ou tão crédulo. Nunca lhe ocorrera à possibilidade de estar sendo enganado, de ter se enganado com a mulher que escolhera amar. Nem pensara em como poderiam pesar as diferenças entre um casamento com um bardo sem fortuna alguma e ser casada com um chefe de clã.

Amor e lealdade eram sentimentos puros e indiscutíveis. Não podiam ser comprados ou vendidos em troca de moedas.

— Sendo um tolo, ele não tinha noção de como foi facilmente traído pela amada. Quando lhe disseram que ela o estava esperando na floresta para fugirem juntos e escaparem do chefe do clã, ele foi ansioso ao seu encontro. Claro, a mulher não estava esperando por ele.

Isobella empalideceu.

— Ele foi morto.

— Brutalmente. Cada guerreiro desejou poder voltar para o seu senhor com sangue em sua espada. Isso lhes asseguraria uma bela recompensa.

Isobella levou a mão ao peito, visivelmente perturbada com a crueza das palavras de Bane.

— Que coisa horrível!

— Oh, sim... Foi horrível.

CAPÍTULO III

Isobella pressionou as mãos no abdômen, sentindo a intensidade do olhar do estranho. Não devia ter vindo ali. Na verdade, não pretendia vir. Mesmo estando ainda determinada a encontrar alguma forma de livrar a irmã da maldição, ela não era tola.

Na noite anterior se desesperara com o destino de Katherine, de modo a não conseguir pensar com clareza. Tinha se embrenhado na mata sem sequer lhe passar pela cabeça que cometera uma tolice. Passara o dia inteiro pensando no tamanho da asneira que havia feito. E lembrando-se do encontro com o misterioso estranho.

Quem seria ele? Havia sido a pergunta que a atormentara por horas a fio.

Ou mais precisamente, *o que* ele era?

Parecia muito claro que o estranho não era um homem comum. Disso ela tinha certeza. Que homem possuía uma beleza assim chocante? Ou se movia no mais absoluto silêncio? Ou podia seduzir uma mulher com um simples beijo? E

que homem podia enfeitiçar uma mulher de forma que ela nem se recordasse de como voltara para sua cama?

Sim, ela fora uma tola. E com uma incrível sorte por não ter sido levada para o covil da Fera. Ou simplesmente assassinada nos bosques e deixada para os lobos a devorarem.

Chegara a tentar se distrair, ocupando-se com pequenas tarefas, mas o tempo todo lhe voltava à mente a lembrança daquele homem elegante e de olhos da cor do luar. E do beijo. O que sentira na noite anterior não havia sido um mero deslumbramento vivido por uma jovem quando de seu primeiro beijo. Fora algo mais. Uma espécie de fascinação. Oh, ela quase se deixara seduzir por uma... Criatura da noite. Não compreendia como pudera agir daquele jeito.

Entretanto começara a se sentir cada vez mais aborrecida e intolerante conforme as horas iam passando. Quando o sol finalmente desaparecera no horizonte, ela não aguentara mais. Não sabia bem o que o estranho tinha feito com ela, mas sabia que queria vê-lo de novo. Oh, sim, queria exatamente isso.

Mais uma vez deixara furtivamente o castelo sem que ninguém a notasse. Nem mesmo Janet. Por um lado, chegara a desejar não reencontrar a criatura. A noite anterior ainda parecia mais um estranho sonho do que realidade. Mas, por outro lado, se conscientizara de que o encontro entre os dois seria inevitável. Ele devia estar lá fora, em algum lugar, à sua espera. E, de fato, estava. Não somente esperando, mas lindo e perturbador, como ela tão bem se lembrava.

Graças aos céus, ela tivera juízo suficiente para *não* se atirar nos braços dele. Apesar de que o esforço para não cometer tal desatino se tornava mais difícil a cada minuto que passava. O instinto a impelia a abandonar-se às estranhas sensações que aquele homem lhe despertava. Em vez disso, forçou-se a se concentrar apenas na salvação da *irmã*. Katherine era tudo o que devia lhe importar naquele momento.

Nada mais.

— A história que *você está* me contando é trágica — Isobella murmurou finalmente. — Mas aquele chefe de clã e sua noiva morreram há muito tempo. Qual é o sentido de punir Katherine por uma traição cometida séculos atrás, quando ela ainda nem era nascida?

As belas feições do estranho deixavam *claro* que ele tinha uma opinião inflexível sobre a maldição.

— Não tem nada a ver com fazer sentido. A maldição existe simplesmente, e não pode ser quebrada.

— Mas deve haver algum meio. Não vou aceitar que a morte de Katherine seja inevitável. — Uma dor profunda pareceu lhe dilacerar o coração. — Não conseguirei simplesmente me resignar.

Bane fitou Isobella por alguns momentos, e então estendeu a mão e afastou os cabelos que caíam sobre o rosto dela.

— Começo a acreditar que você pode ter sido trocada ao nascer. — Isobella sentiu-se completamente perdida naquele olhar envolvente.

— Por que diz isso?

— Porque embora o sangue dos Foster corra em suas veias, você possui poucas das características deles. — O toque daquele homem era... Tão frio e, no entanto, capaz de aquecê-la de uma maneira inexplicável!

— Eu... Pareço-me com minha mãe.

— Não. Não é a sua aparência, embora seja bela. Falo de sua coragem, de sua dedicação e lealdade para com sua irmã. Nunca antes alguém tentou enfrentar a Fera.

— Meu pai chamaria isso de tolice, ou insensatez. Não de coragem.

O estranho apertou os olhos em sinal de desprezo. Fosse um criado ou um acompanhante da Fera, aquela criatura obviamente não tinha seu pai em alto conceito.

— Isso porque ele se envergonha de não ousar cometer um ato de bravura.

Isobella sentiu-se inquieta. Não era muito ligada ao pai. Na verdade, o relacionamento entre os dois era apenas suportável. Contudo era seu pai, e ela não gostava de ouvir outra pessoa criticando as fraquezas dele.

— Pelo amor de Deus, não estou nem perto de conseguir salvar minha irmã. A Fera pode aparecer a qualquer momento, e não terei meios de detê-lo.

Bane mordeu os lábios com impaciência, seus dedos acariciando de leve o queixo de Isobella.

— Mesmo que ele não venha sua irmã ainda continuará amaldiçoada. Nada poderá mudar o inevitável.

Isobella sentiu o corpo inteiro estremecer com as carícias que o estranho lhe fazia.

Precisava pensar na irmã. Não podia se esquecer de Katherine.

— Acha que esse trágico destino não poderá ser revertido? Isso pode acontecer se eu acabar com a Fera.

— Talvez — ele murmurou mais atento às linhas do queixo de Isobella.

O coração dela exultou.

— Então me levará até ele?

— Não. Mesmo com toda essa sua coragem, *you* não conseguirá vencê-lo.

As carícias continuaram, e estava ficando cada vez mais difícil para Isobella raciocinar com lógica.

— Deve haver meios de vencer a Fera.

— Nenhum que esteja ao seu alcance.

— Nem sei por que estou falando essas coisas com você. É óbvio que está conectado de alguma forma com o monstro.

Surpreendentemente, os lábios dele se retorceram como se a acusação o tivesse atingido.

— E se eu estiver? Pretende acabar comigo também?

— Se você for uma ameaça à vida de minha irmã, sim.

Bane abriu um enorme sorriso, revelando seus dentes brancos.

— E como pretende colocar em prática tal façanha?

Isobella franziu a testa, aborrecida.

— Está caçoando de mim.

Seguiu-se um silêncio perturbador. Era quase como se o estranho estivesse analisando a acusação que ela lhe fizera. Então balançou a cabeça.

— Por tudo que é sagrado, acredito que esteja — ele murmurou. — E isso é surpreendente.

— Não, não é surpreendente, mas insultante. Eu... — Ela parou de falar, porque ele a levantara no ar e a pressionara contra o peito. — O que está fazendo?

Ele encarou a expressão de surpresa no rosto de Isobella. Ela mal conseguia respirar direito.

— De repente não tenho mais vontade de discutir maldições, nem feras, nem irmãs — ele murmurou. — Você é tão linda... — Isobella estremeceu, seus pensamentos se tornando nebulosos quando o desejo tomou conta de todo o seu ser. Os braços dele a apertavam, e ao mesmo tempo a envolviam com extremo carinho. Era como se a considerasse uma espécie de tesouro, algo frágil, em vez de vê-la como ela era na verdade: uma futura solteirona teimosa e sem papas na língua.

— Não, não sou bonita. Sou magra demais, e meu cabelo é vermelho— ela protestou.

Bane arqueou a sobrancelha e a carregou para a área mais escura.

— Quem lhe disse tal tolice?

— Não preciso que ninguém me diga essas coisas. Tenho um espelho.

— Pois deve estar defeituoso. — Bane pousou o olhar nos lábios de Isobella. — Há uma eternidade venho colecionando os mais raros e belos objetos, e nenhum deles me encantou como você faz comigo agora.

Ela sentiu-se inteiramente tomada pelo desejo. Era uma sensação assustadora.

— Você tem de me pôr no chão.

— Se insiste...

Isobella se surpreendeu ao vê-lo concordar tão prontamente. Criatura ou homem, ele não parecia ser do tipo que aceitava ordens. Tarde demais, ela percebeu o erro. Inclinando-se, ele a colocou gentilmente sobre a relva e deitou-se sobre ela. Tudo aconteceu tão depressa que Isobella nem tentou escapar. Na verdade, ela não queria estar em outro lugar que não fosse ali.

Bane gemeu baixinho, tomado pelo prazer.

A sensação de ter aquela mulher sob o seu *corpo* era muito boa. Isobella era tão frágil, tão delicada... Como uma ninfa de madeira que ele mantinha decorando o seu abrigo.

E era uma mulher quente.

Fechou os olhos, sentindo que a excitação afastava de cena o bom-senso. Fazia tanto tempo que não era tomado por tais sensações, a de ter uma mulher em seus braços, atraído por ela, querendo fazer amor com ela.

A suavidade das curvas, o doce perfume, até a respiração agitada, tudo o encantava.

Isobella era tudo o que ele havia perdido na vida. O desejo se intensificou, chegando a fazer sua virilha doer, e ele gemeu baixinho.

— Isobella... — murmurou.

As pequeninas mãos tocaram no peito dele, mas para seu alívio, não era para tentar afastá-lo. Bane agradeceu aos céus por aquele momento.

— Não era isso o que eu buscava — ela conseguiu dizer.

O olhar de Bane perdeu-se no de Isobella.

— Seu coração bate depressa — ele murmurou. — Está com medo?

Ela sacudiu a cabeça.

— Devia estar. Não sei quem você é, ou o que você é.

— Se insiste em uma apresentação, pode me chamar de Bane.

— Bane. — Ela ficou pensativa por um momento.

— Um nome estranho, mas combina com você.

— Ora, o que você quer dizer com isso? — Surpreendentemente, ela levantou a mão e tocou de leve no rosto de Bane.

— Suspeito que você seja mais do que um homem comum.

Ele sorriu levemente. A carícia de Isobella era provocante, mas não o suficiente para satisfazer a fome que devorava seu corpo.

— Não neste momento. Você despertou em mim aquilo que eu acreditava ter esquecido para sempre.

— Bane inclinou-se e enterrou seu rosto nos cabelos sedosos. — Você cheira tão gostoso... Como um campo de flores.

Ele percebeu a perturbação da jovem.

— Santo Deus, isto é loucura — Isobella murmurou quase que para si mesma.

— É loucura, sim.

Bane deslizou os lábios na testa de Isobella, querendo sentir o sabor de toda a sua pele, as mãos procurando desatar o laço do manto para poder tocá-la mais intimamente. — Bane, não...

— Preciso ver o seu corpo. Tocá-lo. É como uma febre em meu sangue. — Conseguiu abrir o manto e então o vestido. A pele tinha a coloração de uma pérola rara. Grunhiu ao ver a curva dos seios perfeitos, com os mamilos rosados já enrijecidos pelo desejo.

Por um longo momento, Bane se contentou em apenas olhar para ela em silêncio. Não era apenas o desejo que o mantinha imóvel, ou que buscava uma libertação. Embora tivessem se passado dois séculos desde que desfrutara dessas deliciosas sensações, ele se lembrava da paixão, da necessidade de marcar uma mulher como sua. Mas havia mais do que ardor e desejo percorrendo seu corpo; havia uma estranha ternura em ter Isobella nos braços, e a ânsia de nunca mais deixá-la ir embora.

Uma mulher tão diferente daquela que o havia traído! Isobella era corajosa, honrada, disposta a sacrificar tudo por aqueles a quem amava.

Bem devagar ele baixou a cabeça, roçando os lábios nos seios tentadores. Ela gemeu baixinho, depois enterrou os dedos nos cabelos dele, puxando-os, um sinal de que também queria aquilo que estava acontecendo. E queria mais.

Bane não hesitou. Permitindo que o calor e o perfume do corpo de Isobella o envolvessem, primeiro lambeu os mamilos, depois começou a sugá-los com urgente insistência. Ela estremeceu de prazer, levando-o a buscar a curva dos quadris, separando-lhe as pernas para que pudesse se encaixar entre elas.

Estava excitado enquanto gentilmente roçava o corpo contra o dela, amaldiçoando as roupas que os separavam. Isobella mantinha os olhos fechados, os dedos nos cabelos de Bane.

— O que você está fazendo comigo?...

Bane sorriu suavemente enquanto continuava a acariciá-la, aumentando-lhe o tormento.

— Quietinha, doçura, não vou machucá-la.

— Nunca fiz essas coisas. Nunca me senti assim. Eu não sabia...

— Nem eu.

Bane ergueu o olhar para observar as feições perturbadas de Isobella. Ela parecia extraordinariamente linda, com os cabelos soltos e os olhos mais dourados do que verdes. E totalmente inocente.

Rangeu os dentes. Pelo sangue dos justos, o que ele estava fazendo? Podia ser uma criatura da noite, mas não era um monstro. Sua honra não havia sido esquecida dentro de um túmulo. Não roubava a virtude de mulheres inocentes e virgens. Mesmo sendo membro daquele clã maldito.

— Oh, isto é uma coisa perigosa — ele resmungou.

— Sim, é muito perigoso.

Bane tentou passar o comando de suas ações à razão e não à paixão. Mas era uma tarefa mais difícil do que ele pudera imaginar.

— Você devia estar na segurança de seu quarto — disse por fim. — Este não é um lugar para você.

Isobella não aceitou a censura facilmente.

— Eu estaria lá se você não tivesse me enfeitiçado. — A expressão do semblante de Bane ficou sombria.

— Precisa lutar contra isso. Não sou...

— O quê?

— Não sou uma pessoa em quem possa confiar — ele se forçou a confessar. — Faz muito tempo desde que desejei uma mulher, e nunca conheci alguém como você. Temo pelo que possa lhe fazer Isobella.

Ela lhe lançou um olhar desafiador, aquele mesmo olhar que o conquistara.

— Pensa em me machucar?

Bane sorriu. Isobella nem tinha ideia de com que facilidade ele poderia feri-la. Com a força de suas mãos, poderia esmagá-la. Ou enterrar os dentes em seu pescoço e drenar todo o seu sangue. Ele poderia torná-la sua escrava.

— Não da maneira que está pensando. Mas poderia roubar sua inocência. Ela me atrai como o canto de uma sereia. — Bane umedeceu os lábios, sentindo todo seu corpo estremecer de desejo, mas cobriu-a rapidamente com o manto pesado. Forçou-se a se levantar e endireitou o corpo. — Vá embora antes que eu perca toda a honra.

Isobella enrubesceu enquanto ajeitava a roupa. Conseguiu erguer o queixo, orgulhosa e o encarou.

— Não vou permitir que machuque minha irmã. — Colocando o rosto dela entre suas mãos, Bane pressionou os lábios nos dela mais uma vez.

— Agora vá!

Isobella caminhou descontrolada pela floresta sombria. Tinha conseguido arrumar a roupa e ajeitar os cabelos, mas ainda tremia tomada pelas sensações estranhas e pelo calor que ainda permanecia entre suas coxas.

Devia ser um feitiço, disse a si mesma pela centésima vez desde que deixara a clareira. Bane era obviamente dotado de poderes mágicos e tinha conseguido envolvê-la com eles. O que mais poderia explicar o desejo de voltar e encontrá-lo de novo, apesar de todos os perigos? Ou se emocionar com a história do bardo, quando deveria estar revoltada com os sacrifícios que ele vinha exigindo de seu clã havia séculos? Ou se sentir derreter por inteiro cada vez que Bane a tocava?

Só podia ser um feitiço.

Mordeu os lábios ao se lembrar das mãos de Bane deslizando por seu corpo, dos lábios dele lhe sugando os seios e da pressão do membro rígido entre suas pernas. Oh, ela tinha sido insensata em permitir tais liberdades, mas que mulher poderia resistir a um homem tão bonito e atraente; um homem que lhe roubava a respiração, que podia lhe oferecer tanto prazer? Obviamente, não uma futura solteirona, ela reconheceu com amargura.

Ainda tentando se assegurar de que tudo não passara de um feitiço, Isobella ouviu ruídos vindos da área próxima àquela onde ela estava.

— Bane? — chamou baixinho, mesmo sabendo que não era o seu misterioso feiticeiro. Ele se movia silenciosamente, sem fazer ruído algum, e mais importante, o corpo dela sentia a presença dele com urna consciência que a surpreendia. Olhou em volta, alerta. — Quem está aí?

Com o barulho de galhos sendo afastados, um homem surgiu à frente de Isobella, os ombros largos e os cabelos vermelhos muito familiares.

— Isobella! — o homem grunhiu, cruzando os braços sobre o peito maciço.

— Papai? — Uma sensação desagradável lhe percorreu a espinha. O pai tinha uma expressão de fúria no olhar. — O que está fazendo aqui?

— Eu é que lhe pergunto o que faz aqui?! — O pai se moveu e agarrou o braço dela, quase a levantando do chão. — Acredito que esta seja uma pergunta que deve responder!

Isobella rangeu os dentes. Poucas coisas a enfureciam mais do que sofrer violência física. Aqueles que usavam a força física para se sobrepor aos outros nada mais eram do que brutos, em sua opinião.

— Papai, o senhor está me machucando...

— E não é ainda nem o começo do que vou fazer com você! — Levantando a mão livre, ele a esbofeteou.

A cabeça de Isobella virou abruptamente para trás, mas com teimosia ela se empertigou e lançou um olhar firme para o pai.

— Eu não fiz nada, papai!

O rosto dele estava tomado pela fúria.

— Oh, não fez nada, não é? Como ousa debochar de mim e de meus guerreiros?!

— Debochar? — Isobella arregalou os olhos, surpresa. — Não sei a que o senhor está se referindo.

— Pensa que o povo da vila e os criados todos não estão comentando sobre os seus esforços de caçar a Fera e salvar sua irmã? — Isobella sentiu uma dor profunda no peito. Podia sentir o pesado cheiro de cerveja na respiração do pai. O gênio dele era imprevisível, mas o homem se tornava assustadoramente violento quando estava sob o efeito da bebida.

— Eles não sabem de nada.

— Oh, sim, eles sabem. Andam comentando sobre a sua bravura e ousadia enquanto pensam quê não estão sendo ouvidos, e todos parecem caçar de mim e de meus homens. — Ele a esbofeteou novamente, e Isobella soltou um gemido quando seu lábio começou a sangrar. — Não vou admitir isso! Não vou ser chamado de covarde por criados e gente inferior a mim! — No fundo, Isobella sabia que deveria aplacar a fúria do pai. Katherine provavelmente derramaria lágrimas e tremeria os lábios, mas ela não era capaz de lançar mão desses recursos femininos. Seu orgulho a impedia de desempenhar o papel de filha submissa.

— Então talvez devesse ser o senhor a caçar a Fera — ela retrucou, sem medo.

Ele a sacudiu com força.

— Menina impertinente, eu vou lhe ensinar a não usar essa língua afiada contra seu pai...

Pronta para receber um novo golpe, Isobella foi pega de surpresa ao se ver subitamente livre das mãos do pai. Caiu no chão, mas ainda a tempo de ver o pai

sendo erguido no ar como se não pesasse mais do que uma folha. Em seguida foi lançado contra uma árvore e caiu no chão, desacordado.

Completamente atordoada com aquele ataque inesperado, Isobella conseguiu se levantar, procurando na escuridão pelo atacante. Não que ela esperasse ser capaz de lutar contra quem facilmente derrotara um homem forte como seu pai. Não tinha nem mesmo trazido seu punhal. Por um momento não conseguiu ver nada, e então uma sombra surgiu por trás do corpo inconsciente do pai. Não podia enxergar as feições, mas o calor familiar que envolveu seu corpo lhe indicou precisamente quem era o intruso.

— Bane, não!

Bane parou por um instante, quase como se estivesse determinado a ignorar a súplica de Isobella.

— Ele bateu em você — grunhiu.

Isobella segurou a respiração, sentindo o perigo pulsar no ar. Não tinha nenhuma dúvida de que a vida do pai corria sério perigo.

— Não foi nada — ela disse baixinho.

— Como, nada? — Bane se aproximou e parou diante dela, seus dedos tocando no rosto ferido. — Você está sangrando.

— Não. Já parou de sangrar.

— Ele a machucou, e eu o matarei por isso.

— Não! — Isobella agarrou o braço de Bane. — Ele é meu pai!

Os olhos dele brilharam de raiva, as belas feições quase fazendo parar seu coração.

— Um pai que levanta a mão contra a própria filha?

— Ele acredita que foi provocado. — Bane resmungou desgostoso.

— Bah... Esse homem é pior que um verme! Não tem honra nem coragem.

Isobella baixou o olhar, contrariada. Como poderia negar a acusação? Seu pai era um homem egoísta, que só se preocupava em ter as próprias vontades atendidas. Não procurava cuidar de seus deveres, tampouco olhava pelas filhas. Mas mesmo assim, não podia permitir que ele fosse morto.

— Pode dizer o que quiser, mas ele continuará sendo o meu pai — falou baixinho.

Um grunhido escapou da garganta de Bane.

— Ele pode ser seu pai, mas se ele a agredir outra vez, eu o farei ir direto para o túmulo!

Bem devagar, Isobella levantou a cabeça e seus olhares se encontraram.

— Por quê?

Um segundo se passou antes que a expressão no olhar de Bane se suavizasse e ele lhe segurasse o rosto nas mãos.

— Porque não suporto vê-la sofrer — murmurou, os dedos deslizando sobre o corte nos lábios dela.

Isobella sentiu o já esperado prazer provocado pelo toque de Bane, porém houve algo mais, além disso. Passando a língua sobre os lábios, ela se surpreendeu. Por todos os santos, o corte se fechara! Desaparecera completamente!

Ela arregalou os olhos, atordoadada.

— Bane, como...

Ele sorriu de leve e a puxou para seus braços.

— Está muito frio para você ficar aqui fora.

Isobella viu-se sendo erguida e carregada com facilidade através da densa floresta. Bane não parecia escolher o caminho, passando com facilidade por qualquer obstáculo.

— O que está fazendo?

— Assegurando-me de que voltará a salvo para seu quarto. — O olhar dele se detinha sobre os lábios de Isobella. — Não quero vê-la fora de lá.

Se ele fosse qualquer outro homem, Isobella teria protestado em altos brados por estar sendo carregada como uma criança. Sua natureza independente não encorajava os outros a lhe fazerem agradinhos, e contrariava-a sobremaneira sentir-se paparicada. Mas Bane não era um homem como qualquer outro, e mesmo vivenciando mais uma vez aquelas estranhas sensações físicas, sentiu a paz envolvê-la por inteiro. Uma paz que ela não se lembrava ter sentido antes em sua vida.

Santa Mãe de Deus será que enlouquecera completamente?

— Não vou permitir que seu pai ou qualquer outro homem coloque as mãos em você novamente — Bane avisou.

Isobella não teve dúvidas de que ele cumpriria aquela promessa. Por que isso não a revoltava estava fora de sua capacidade de compreensão. Afinal, não era Bane um inimigo do clã Foster? Não era ele quem ajudaria a Fera a capturar Katherine?

Não era justo estar ali nos braços dele, sentindo-se como se fosse sua amada. Ou aceitar que ele fizesse ameaças a pessoas próximas a ela.

— Oh, você é uma criatura demoníaca! — exclamou mais exasperada consigo mesmo do que com Bane.

Ele não se perturbou.

— É verdade, mas certamente não fiz nada para ser condenado por você, Isobella.

— Sei muito bem que é uma criatura com habilidades mágicas. E suspeito de que conheça a Fera. Por que então não tento matá-lo?

— Você deseja me matar?

Claro que ela não tinha desejo algum de fazer isso. E esse era o problema. Quando Bane estava por perto, não conseguia se convencer de que ele era um

monstro. Poderia um monstro tratá-la com tanta ternura? Poderia o toque de um monstro fazê-la suspirar de desejo? Isto era algo que lhe parecia completamente impossível.

— É o que eu deveria desejar.

Os olhos de Bane ganharam um brilho especial.

— E devo lhe revelar o que *eu* desejo?

O timbre suave da voz dele a excitou. Ele nem precisou dizer nada. Isobella sentia no ar o que ele queria.

— Não, não permitirei que você faça o que está querendo.

— Do que tem medo?

Isobella torceu os lábios em um sorriso que não tinha nada de alegre.

— De mim mesma.

Deixando a floresta para trás, Bane a observou por um instante, mas finalmente a colocou no chão e se preparou para partir. Isobella gemeu, desapontada.

Você é maluca, Isobella Foster, disse para si mesma enquanto ouvia Bane praguejar baixinho. Antes que pudesse reagir, ele a tomou nos braços e a apertou contra si.

— Bane... — ela murmurou, antes que ele se apossasse de sua boca em um beijo faminto.

O mundo parecia girar quando ele afastou o rosto e a olhou.

— Volte para o seu quarto e tranque a porta — instruiu. — E não volte à mata. Da próxima vez não terei forças suficientes para deixá-la escapar de novo.

CAPÍTULO IV

Isobella podia ser teimosa, mas não era boba. Bane a mandara voltar a seu quarto e trancar a porta, e foi exatamente isso o que ela fez. Infelizmente, uma porta trancada não dava um fim ao desejo que continuava a perturbá-la. Tampouco aliviava a dor por sentir que ele agora estava se afastando para bem longe.

Durante horas andou de um lado para o outro em seu quarto, lutando contra cada instinto que parecia lhe ordenar que deixasse a proteção do castelo e voltasse à misteriosa mata, para junto do misterioso estranho de olhos cor de prata.

— Que a varíola caia sobre esse homem e seus diabólicos feitiços! — ela exclamou com raiva, mesmo quando uma dúvida ainda ocupava lugar dentro de

seu coração. — E se não fosse um feitiço? Ela se perguntou. E se aquela "mágica" fosse simplesmente o que acontecia entre um homem e uma mulher? E se continuasse mesmo com o passar do tempo, atormentando-a noite após noite?

Este era um pensamento horrível, que a fez se refugiar debaixo dos lençóis e cobrir a cabeça com o travesseiro. Não. Não podia permitir que um homem desviasse a sua atenção de Katherine. Não podia! Fosse um feitiço ou bobagens de mulher, ela tinha de afastar Bane do pensamento.

Apesar de toda a sua determinação, o sol começava a despontar no horizonte quando ela finalmente caiu em um sono agitado. E mesmo então, seus sonhos a levaram a um labirinto, onde ela andava e andava, pelo vasto castelo, chegando a corredores sem saída e que a levavam de volta a seu quarto sombrio. Um quarto que ela sabia que era habitado por uma criatura de olhos prateados.

Não foi surpresa, portanto, acordar bem de tardezinha, sentindo-se mais cansada do que quando se deitara. Tomou o banho que as criadas lhe prepararam e vestiu-se com um traje simples, finalmente saindo do quarto. Não estava intranquila a ponto de querer voltar à clareira, mas isso não significava que não tentaria algum outro modo de salvar a irmã. Devia haver um modo. Tudo era uma questão de saber por onde começar. Vestindo o manto, abriu a porta, somente para, descobrir a irmã no hall esperando por ela.

— Isobella, preciso falar com você.

— Perdoe-me, Katherine, mas tenho de fazer uma coisa com urgência. — Katherine não arredou pé, e ficou firme, bloqueando a porta, os braços cruzados em óbvio sinal de determinação.

— Não, você não vai sair do quarto sem antes me contar o que aconteceu ontem.

— Ontem?

— Isobella, eu estava no salão nobre quando trouxeram papai, carregado — Katherine contou. — Os homens disseram que o haviam encontrado na floresta, bastante ferido.

Isobella balançou a cabeça em negativa. Lembrava-se muito bem da fúria do pai embriagado e a maneira como Bane a salvara de ser brutalmente espancada.

— Não estava tão ferido assim. Apenas uns poucos ferimentos.

— Os homens também disseram que papai contou que tinha ido aprisionar a Fera e que foi atacado.

Isobella soltou uma risada irônica. Por todos os santos, só mesmo seu pai era capaz de encontrar um modo como aquele de vangloriar-se de sua espetacular derrota.

— Ele foi aprisionar a Fera? Que coragem a dele! Não sabia que papai era assim tão valente.

— Ele não é, e nós duas sabemos muito bem disso — Katherine retrucou secamente. — Se ele estava na floresta, o motivo não devia ser encontrar a Fera.

Isobella mordeu os lábios, suspeitando de aonde a irmã queria chegar.

— Talvez ele tivesse bebido um pouco demais e se desviado de seu caminho — resmungou.

— Ele estava procurando por você, Isobella.

— Procurando por mim? Por que acha que ele faria uma coisa dessas?

Katherine entrou no quarto e puxou Isobella para dentro, obrigando-a a encará-la.

— Porque ele passou horas vasculhando o castelo à sua procura. Estava completamente bêbado e furioso, deixando a todos com os nervos à flor da pele. Até que, por fim, Janet acabou confessando que tinha visto você saindo, na direção do bosque, ao anoitecer.

— Janet — Isobella murmurou, irritada. A velha criada sem dúvida era a responsável pelos rumores que estavam sendo espalhados de que ela estava à caça da Fera. — Eu deveria ter calculado.

— Ela está preocupada com você.

— Oh, eu sei disso.

— E eu também estou! — Katherine agarrou a irmã pelos ombros. — O que você estava fazendo na floresta?

Isobella fechou os olhos e suspirou profundamente.

— Na verdade, não tenho muita certeza do motivo. — Katherine a sacudiu de leve.

— Estava procurando a Fera, não é?

Isobella sorriu levemente. Ela bem que gostaria que seus motivos fossem assim tão puros e nobres. Infelizmente, receava que tivessem algo a ver com a atração que sentia por Bane e o com o desejo que ele despertava em seu corpo. E com a lembrança dos beijos e das carícias dele.

No fundo, a ânsia de estar novamente com Bane nada tinha a ver com Katherine, nem com a Fera, nem com qualquer outra coisa.

— É do que estou procurando me convencer.

— Por que tem de ser assim tão teimosa? Acredita mesmo que, se sacrificando, possa me salvar do meu destino?

— Como você bem pode ver, não fui sacrificada.

— Não me venha com ironias! — Katherine subitamente se irritou. — Não vou mais tolerar isso, Isobella. Como acha que eu ficaria se lhe acontecesse alguma coisa, ainda mais sabendo que foi para me proteger?

Isobella segurou as mãos da irmã e as apertou com força.

— Então, deve compreender como eu me sinto, também, Katherine! Você é a coisa mais preciosa do mundo para mim. Eu não a perderei sem lutar. — De repente, ela fez uma careta. — Não que eu tenha conseguido alguma coisa além de passar por uma boba completa.

— Por boba?

— Não foi nada. — Isobella afastou os cabelos que lhe caíam no rosto e dirigiu à irmã um olhar cheio de incertezas. — Katherine?...

— O que foi?

— Alguma vez você já se apaixonou? — Katherine foi pega de surpresa pela pergunta da irmã.

— O quê?

Isobella suspirou profundamente. Nunca fora uma garota romântica, nem se sentira atraída por rapazes bonitos. Tudo isso lhe parecera uma grande bobagem. E agora, sentia-se estranha, como se estivesse caminhando sobre um tronco com os olhos vendados.

— Houve algum homem que fez o seu coração bater mais rápido quando entrou no recinto onde você estava, por exemplo?

Surpreendentemente, Katherine enrubesceu.

— Bem... Eu sempre achei Douglas um homem interessante.

— Douglas? — Isobella arregalou os olhos depois de pensar um pouco. — O ferreiro? — O rubor se intensificou no rosto da irmã.

— Sei que ele não pertence à mesma classe social que a nossa, e que papai jamais permitiria que ele me cortejasse, mas... Douglas é gentil e bondoso, e cada vez que o vejo, meu coração bate mais forte.

Isobelle sentiu falta de ar. Então era isso. Eis a razão de Bane conseguir deixá-la totalmente subjugada com uma mera palavra, ou uma carícia.

Mas aquilo era um absurdo. Ela nem o conhecia direito. Nem sabia quem ele era. Contudo, não podia negar a verdade.

— Você deixou que ele a beijasse, alguma vez?

— Isobella! — Katherine protestou, embaraçada.

— Sim ou não?

Abaixando o olhar, Katherine permitiu que um misterioso sorriso surgisse em seus lábios.

— Uma vez só. Foi depois da festa da primavera, quando ele me escoltou de volta até o castelo.

— E você gostou do beijo?

O sorriso de Katherine se alargou.

— Foi a coisa mais linda que aconteceu na minha vida!

Bem, então o que estava acontecendo com ela acontecia com todas as mulheres. Isso, naturalmente, quando se sentiam atraídas por um homem.

— O que você sentiu?

— Ah, meu coração disparou, como se fosse pular pela garganta... Minhas mãos ficaram úmidas e...

— E o quê?

Katherine levou as mãos ao rosto vermelho.

— Eu... Senti uma vontade estranha de... de tirar a roupa para poder sentir as mãos dele na minha pele — ela confessou em voz baixa, o rosto cada vez mais vermelho. — Chocante, não é?

Isobella sorriu, lembrando-se de como se sentira quando Bane acariciara sua pele nua. E de como o desejo ainda doía por não ter sido satisfeito.

— Eu não acho que seja chocante, na verdade — ela murmurou.

Katherine franziu a testa.

— Isobella, você conheceu algum homem por quem sinta desejo?

Isobella largou as mãos ao longo do corpo. Tinha desejado acreditar no poder que Bane possuía sobre ela, como se fosse um feitiço. Aquele que lhe tirava a força de não conseguir negar nada a ele. Dessa forma, seria mais fácil perdoar a si mesma por seus sentimentos traiçoeiros.

— Eu gostaria que fosse assim tão simples — admitiu.

Katherine pareceu preocupada.

— Minha querida, o que foi?

Endireitando os ombros, Isobella sacudiu a cabeça como para afastar os pensamentos. Não podia mais perder tempo.

— Preciso mesmo sair, Katherine.

— Aonde você vai?

— Vou até a vila. — Isobella beijou a irmã antes de se encaminhar para a porta do quarto. — Voltarei assim que possível.

Após pegar um pouco de queijo na cozinha para saciar a fome, Isobella deixou o castelo e rumou para o vilarejo.

Logo teve de diminuir o passo apressado, pois não conseguiu passar pelas ruas sem ser chamada para provar alguma torta, admirar objetos recém-comprados ou ver o primeiro dentinho que nascera na boca de algum bebê.

Geralmente adorava essas visitas. Naquele dia, porém, viu-se agindo com impaciência com aqueles que a rodeavam. Queria que a deixassem em paz e não ficassem à sua volta. Precisava fazer algo antes que a noite chegasse e não podia se arriscar a encontrar Bane novamente.

Conseguiu ser educada com todos que se aproximavam. Por fim, prometendo cuidar de todos os problemas, que sempre lhe traziam, escapou e continuou seu caminho até a colina além das casas.

O silêncio dominava a área dos pântanos. Foi se afastando daquele lugar selvagem, mas tão bonito, e parou por um momento a fim de apreciar a vista do castelo do pai, lá embaixo, e o lago distante. Lugares ainda não desbravados agradavam aos escoceses, mas era raro que alguém viajasse além do povoado. Quando o tempo estava nublado, segundo os moradores da vila, a colina era o lugar preferido da Fera, e somente os mais arrojados ousavam se aventurar por aquelas bandas.

Isobella afastou os pensamentos, voltando à atenção para o que tinha de fazer. Logo avistou um chalé de pedra que se erguia em um lugar inóspito. Era o chalé que um dia pertencera ao bardo traído. E o lugar onde ela esperava encontrar a resposta para a maldição. Sem permitir a si mesma o medo de entrar naquela casa, forçou sua passagem por uma porta de pedra que bloqueava a entrada.

Por um momento se apavorou. No entanto, não havia nada naquele quarto simples para assustá-la. Na verdade, era um lugar limpo, o que surpreendia, já que estava abandonado havia cerca de duzentos anos.

Pairava no ar algo de inquietador, contudo. Uma enorme tristeza, percebida, talvez, apenas pelos mais sensíveis. Afinal, aquele fora o palco de uma trágica história de amor.

Respirando fundo, ela se forçou a entrar. Uma vez lá dentro, sentiu a coragem lhe faltar por um momento. A Fera, porém, não se encontrava em meio às sombras.

Mesmo assim, moveu-se com extrema cautela. Não sabia bem o que estava procurando. Alguma coisa misteriosa, talvez. Algo que pudesse revelar a alma e o coração do monstro.

Olhou em volta, seguindo até os armários onde ainda estavam penduradas túnicas, certamente esquecidas ali. Nada de místico, nem mesmo a harpa lindamente envolvida em seda. Cuidadosamente, Isobella acariciou o instrumento, surpresa com o som produzido pelo movimento de seus dedos. E pensar que aquilo um dia pertencera ao bardo!... Um homem simples que tinha amado apaixonadamente e sido traído por sua amada: um drama que poderia continuar ecoando por toda a eternidade.

Mesmo a contragosto, ela viu surgir em sua mente à imagem de um homem jovem e inocente tocando a harpa. Ao deixar sua casa, ele não imaginara estar prestes a cair em uma armadilha, tampouco que sua amada já planejasse traí-lo. Sentiu o coração pesado. Que história triste. Quanta desgraça. Podia sentir o drama no âmago de sua alma.

— Lady Isobella.

A voz a arrancou de seus devaneios. Assustada, ela colocou a mão no peito.

Felizmente o intruso não era o monstro assustador que viera devorá-la. Nem mesmo o fantasma que ansiava por voltar a existir. Em vez disso, viu uma velha senhora com o rosto cheio de rugas e olhos muito escuros.

— Perdoe-me — Isobella murmurou com um sorriso. — Pensei que a casa estivesse abandonada.

A mulher fez um gesto, dispensando as desculpas.

— Venho aqui às vezes. É uma vergonha deixar o lugar se encher de sujeira.

— Oh, bem que me surpreendi ao ver que estava tudo muito limpo — Isobella confessou.

— Muitos diriam que é por causa da maldição. — A velha lhe lançou um olhar curioso. — Sabia que esta era a casa do bardo?

— Sim, sabia disso.

— E o que procura?

Pega de surpresa pela pergunta, Isobella descobriu-se incapaz de inventar uma história para explicar sua presença ali. Até porque o olhar da velha parecia enxergar dentro de seu coração.

— Procuro a verdade, suponho.

A velha pareceu ainda mais curiosa.

— Sobre o bardo?

Isobella voltou a olhar para a harpa antes de tentar esconder o que havia em sua alma. Por tudo o que era de mais sagrado, não queria lamentar a morte do homem que um dia morara naquela casa. Não à custa de perder Katherine.

— Busco a verdade sobre o monstro que pegará a minha irmã — ela acrescentou.

— Ele não foi sempre um monstro, você sabe disso, não é? Uma vez foi um homem, simples e comum, que amava uma mulher e foi traído.

Isobella dirigiu um olhar sincero para a senhora.

— Eu entendo o sofrimento dele, mas aqueles que o traíram já estão mortos há muito tempo.

— Existem feridas mais difíceis de serem curadas do que outras.

Isobella respirou fundo.

— Não tenho tempo para esperar as feridas cicatrizarem.

Passou-se um longo tempo antes de a mulher fazer qualquer comentário.

— Então quer matar a Fera.

— Ele pode ser morto?

— Oh, sim. — A velha senhora se aproximou, e Isobella sentiu um leve aroma de rosas. — A luz do sol ou uma estaca de madeira enfiada em seu coração poderiam acabar com ele.

O coração de Isobella disparou. A vida inteira tinha ouvido contar que a Fera não podia ser morta. Pelo menos não por um simples mortal. Era uma criatura mágica, seu pai sempre dissera, e dilaceraria qualquer um que ousasse caçá-lo. Mesmo quando ela havia se armado de coragem e saído à procura do monstro, não acreditara verdadeiramente que fosse capaz de vencê-lo. Simplesmente o procurara porque não aguentava mais ficar esperando a desgraça acontecer. Mas agora já não tinha certeza do que sentia. Não sabia se era alívio, alegria ou horror...

— Uma estaca de madeira? E ele ficaria morto para sempre?

— Por toda a eternidade. — A mulher estendeu a mão e a tocou no rosto. Seus dedos eram frios, mas, estranhamente, passavam a sensação de carinho. — Diga-me, lady Isobella, o que seria capaz de fazer por amor?

Isobella arregalou os olhos, confusa.

— O que quer dizer com isso?

— Seria capaz de matar por amor?

Um frio pareceu envolver seu coração. Dias antes ela não hesitaria em dar uma resposta. Havia jurado fazer qualquer coisa para manter a irmã viva, até mesmo matar, se fosse preciso.

Mas, subitamente, não tinha mais tanta certeza. A mulher que passara a pertencer ao clã Foster havia traído o bardo sem qualquer remorso e, sem saber, terminara por condenar o clã por toda a eternidade. Poderiam mais mortes realmente acabar com todo aquele sofrimento? Sacudiu a cabeça.

— Pensei que sim, mas agora já não sei mais.

— Seria capaz de se oferecer em sacrifício? — a velhinha perguntou.

— Em... Que tipo de sacrifício?

— Qualquer um que fosse preciso... Oferecer a sua própria vida, por exemplo.

Isobella encarou a anciã.

— Sim, sem dúvida — concordou, sem hesitação. A mulher sorriu.

— Tal amor tem o poder de alterar o destino. Essa é a única arma de que precisará.

Dizendo isso, pegou as mãos de Isobella e, murmurando alguma coisa em voz muito baixa, colocou algo entre elas.

Isobella viu-se segurando dois retratos emoldurados. Um era de uma linda mulher de cabelos loiro-avermelhados, e outro de um homem muito bonito, com cabelos negros e olhos prateados. Sentiu faltar a respiração ao entender que olhava para o retrato do bardo e sua amante traidora.

A imagem de Bane... A Fera MacDonnell!

Erguendo a cabeça, Isobella não se surpreendeu ao descobrir que a velha tinha desaparecido dali. Ela já havia dado todas as respostas a que Isobella viera procurar. Agora, cabia a ela decidir se tinha coragem suficiente para fazer o que era preciso.

Indiferente ao medo que espalhava pela região Bane mudou o caminho através da escuridão. Havia sido uma agonia esperar que o sol sumisse no horizonte para deixar a proteção da zona nebulosa e sair em busca da mulher que se recusava a deixá-lo em paz. No preciso momento em que ela entrara em sua antiga casa, havia sentido sua presença. Ficara curioso, mas não preocupado com aquela intrusão em seu lar perdido por tanto tempo. Nada lá poderia feri-la.

Mas então a misteriosa bruxa tinha aparecido ao lado de Isobella, e a curiosidade cedera à inquietação. Por séculos ele fora visitado pela feiticeira que o tirara do túmulo, mas em nenhum momento ela lhe dera explicações para tê-lo salvo da morte. Nada além do ódio que nutria pelo senhor do clã, o homem que a expulsara de seu convívio. Nem sequer havia falado da maldição que ela lançara sobre os Foster.

Em vez disso, havia permanecido misteriosa e inclinada a falar por meio de enigmas que não faziam sentido. Decididamente, ele não confiava naquela bruxa. Por isso não a queria perto de Isobella.

Chegando à casa que abrigara outrora os seus sonhos de juventude, Bane passou pela porta e se preparou para a batalha. Levou um momento para perceber que a feiticeira já tinha desaparecido, e que Isobella se encontrava sozinha. Sentada à beira da cama, com o rosto escondido pelos longos cabelos, ela parecia perdida em pensamentos.

Ele devia partir, disse a si mesmo. Era óbvio que Isobella não corria perigo algum. No entanto, seus pés continuaram a levá-lo adiante, e suas mãos ansiavam por tocar os fios sedosos que emolduravam aquele rosto perfeito. Podia sentir a dor que dilacerava o coração dela. A bruxa claramente a perturbara. Como ele poderia sair agora, sem tentar lhe oferecer consolo?

— Isobella?... — murmurou suavemente.

Ela levantou a cabeça, mas não havia surpresa em seu olhar. Obviamente sentira sua presença no momento em que ele chegara ali.

— Bane.

Ele se incomodou com a dor profunda que viu nos olhos da moça.

— Está ferida?

— Não, estou bem.

— Tem certeza?

— Claro. — Ela franziu a testa. — O que foi?

— Eu senti... — Bane parou de falar.

Talvez a bruxa não houvesse revelado sua presença para Isobella. Não havia necessidade de assustá-la se ela não tinha sido perturbada.

— Eu pensei que poderia estar em perigo.

— Não há nada aqui que possa me ameaçar. — Seus olhares se encontraram. — Ou pelo menos não havia, até agora.

Bane compreendeu a verdade contida naquelas palavras. Embora parte dele se rebelasse contra a ideia de magoar Isobella, não havia como negar que a maldição lhe dava o direito de pegar a irmã dela. E não havia como evitar isso.

Ele a magoaria, independentemente de isso destruí-lo também.

Praguejou baixinho.

— O que está fazendo aqui? — indagou cauteloso. Um leve sorriso surgiu nos lábios de Isobella.

— Eu estava procurando por respostas.

Bane olhou ao redor daquele lugar que lhe era tão familiar. Voltou-lhe à lembrança a mãe colocando as panelas no fogo, o pai trabalhando a madeira e fazendo harpas para ser vendidas aos bardos que passavam por aquelas terras.

— Respostas sobre o quê?

— Sobre a Fera.

— Pensa que esteja escondida nesta casa?

— Não, mas esta foi um dia a casa do bardo. — Bane mordeu o lábio quando uma pontada de dor lhe atravessou o coração.

— Sim. Porém o bardo está morto e esquecido há um longo tempo.

Levantando-se bem devagar, Isobella estendeu a mão, revelando as miniaturas que Bane tinha mandado pintar dois séculos antes.

— Não assim tão esquecido — observou enigmática. — Seus olhares se encontraram.

Ela sabia a verdade! Não restavam mais dúvidas de que ele era a Fera MacDonnell...O mais odiado inimigo de Isobella.

CAPÍTULO V

Bane mal controlou o impulso de arrancar os retratos das mãos de Isobella e atirá-los contra a parede. Afinal, eram lembranças de um passado que ele agora queria somente esquecer.

— Pensei que estivessem perdidos — observou, fazendo uma careta.

Isobella ficou em silêncio por um longo momento antes de levantar o rosto e lhe dirigir um olhar sério e intenso.

— Esta é a mulher com quem pretendia se casar? — Bane balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim — concordou a voz soando cheia de amargura.

— Ela se parece demais com Katherine.

— Assim como todas as mulheres Foster. — Estendeu o braço e tocou de leve nos cabelos de Isobella. — Todas menos você.

— Ela era muito bonita.

— Muito bonita — ele concordou. — E possuía a voz de um anjo, quando cantava. Conquistou-me completamente. — Isobella apertou os olhos, como se aquela realidade a aborrecesse.

— Você a amava muito.

— Não, eu amava somente a mulher que imaginava que ela fosse. — Pegando as miniaturas, Bane as jogou sobre a cama. Os rostos nos retratos lhe pareciam estranhos. — Mas ela não era essa mulher, nunca foi.

Isobella continuou pensativa, como se procurasse a verdade escondida nas palavras.

— Como você imaginava que ela fosse?

Bane voltou a lhe acariciar o rosto, surpreso em ver que ela não parecia sentir repulsa por ele.

— Pensei que fosse, corajosa, autêntica e, acima de tudo, leal. — À expressão em seu rosto continha uma ponta de fúria. — Em vez disso, ela estava ansiosa por me trair, trocando-me por uma cama macia e joias caras. Fui um tolo em pensar que ela me amava de verdade.

Isobella condoeu-se ao perceber que Bane procurava controlar as emoções.

— Suponho que isso seja ainda mais doloroso do que a traição dela.

Bane pareceu confuso com a pergunta.

— A que se refere?

— Você se deixou enganar por uma linda aparência e uma voz doce. Deve ser difícil perdoar.

—Perdoar? — ele grunhiu. — Eu jamais perdoarei essa mulher.

— Não — Isobella balbuciou suavemente. — Refiro-me ao fato de que deve ser difícil perdoar a si mesmo.

Bane arqueou a sobancelha, mais uma vez confuso.

— Não sei do que está falando.

— Você não se culpa por seu coração ter se enganado dessa maneira?

— Eu não tenho coração — ele retrucou, levando a mão dela ao próprio peito. — Meu coração morreu no dia em que fui assassinado pelo senhor dos Foster. — Isobella deslizou os dedos sobre o tecido sedoso do manto que ele usava.

— Não acredito nisso. Você não teria me protegido de meu pai se seu coração estivesse destruído. Você tem sentimentos.

Bane ficou parado, desejando entender os próprios pensamentos. Uma tarefa impossível, claro. Durante séculos, ele tinha convivido com uma dor, um vazio no lugar onde deveria estar seu coração. Agora não podia negar que voltava a sentir emoções fortes e intensas. Não podia evitar esses sentimentos, da mesma forma como não podia evitar que a lua surgisse no céu.

Estremeceu ao sentir essa força tanto tempo ausente em seu ser. Desejo, ternura e, acima de tudo, uma extraordinária necessidade de tomar aquela mulher nos braços e mantê-la ali por toda a eternidade.

Isobella era a mulher que ele sempre desejara ter, seu coração murmurava. Ela era a mulher com quem tinha sonhado quando fora um jovem bardo romântico. Sua pureza, sua coragem e seu coração generoso: tudo isso o emocionava. Aquela mulher nunca trairia aqueles a quem amava. Ela enfrentaria o fogo do inferno antes de trocar sua alma por riquezas.

— Pelo sangue dos justos... Sim, eu sinto — ele murmurou, envolvendo o delicado rosto de Isobella com as mãos. — Você me fez sentir novamente. — O ar pareceu ficar denso com a fome que ele não mais podia esconder. Mas não a

assustaria com atos intempestivos. Em vez disso, acariciou de leve o rosto delicado.

— Da mesma forma como você também me faz sentir. — A voz de Isobella soou baixinho. — Tentei me convencer de que tudo não passava de um feitiço que você havia colocado em mim, mas eu sabia que não era isso. É você, Bane. Simplesmente você.

Ele franziu a testa, observando Isobella atentamente.

— Mas você sabe quem eu sou. *O que* eu sou.

— Sei.

— Então, por que não luta contra mim? Você queria me ver morto, não queria?

Os olhos dela se encheram de tristeza.

— Pensei que desejasse isso, mas não desejo mais.

— Por quê?

— A maldição surgiu por causa de uma traição e da violência. Como poderia ser quebrada pelos mesmos meios?

Bane balançou a cabeça. Na verdade, não tinha uma resposta. A maldição fora criada pela necessidade dele de vingança. Não sabia como terminar com ela. Nem mesmo tinha certeza de que sua morte pudesse acabar com a praga.

Seu olhar pousou em Isobella. Apesar da escuridão, podia ver cada traço de seu rosto, as delicadas feições, os lábios sensuais que o faziam querer beijá-la continuamente. Mas, acima de tudo, podia ver aqueles olhos tão expressivos que revelavam uma alma livre de ganância e ódio. Sim, por aquela mulher ele desistiria de tudo. Até mesmo de sua própria vida.

Inclinando a cabeça, ele a beijou suavemente na testa.

— Não posso mudar o passado, Isobella.

Ela pressionou o corpo contra o dele, buscando o calor que ele irradiava.

— Tampouco eu. Mas, na verdade, isso não importa agora. Neste momento não quero pensar no passado nem no futuro.

Bane estremeceu. Ele a tinha tão perto, tão intimamente pressionada contra ele. A mais doce das torturas.

— O que você quer Isobella? Ela hesitou.

Não que tivesse dúvida quanto à decisão que havia tomado enquanto estivera sentada ali, no escuro. A velha senhora tinha lhe oferecido os meios de salvar Katherine, e ela os aceitava. Não importava a que custo.

Nem se arrependia da necessidade egoísta que a mantivera ali na casa mesmo depois que a noite havia chegado. Tudo o que queria era estar com Bane. Pelo menos por uma noite queria aceitar a felicidade que sentiria se ficasse. No dia seguinte faria o que fosse preciso para pôr um fim à maldição.

Ainda assim, não podia negar a incerteza que a presença de Bane lhe trazia. Uma coisa era imaginar o prazer de se oferecer ao homem que tinha roubado seu

coração. Outra, bem diferente, era ter seu corpo invadido por tão fortes sensações, e o sangue lhe correr tão depressa nas veias que a fazia sentir-se tonta.

— Quero saber o que é estar em seus braços — ela finalmente admitiu, com, uma franqueza e ousadia que a surpreenderam. — Quero senti-lo junto de mim.

Bane ficou imóvel, mesmo ao perceber o corpo reagindo às palavras de Isobella.

— Minha querida...

Ela levantou a mão e o acariciou no rosto.

— Você me deseja, Bane? — As mãos dele subitamente a agarraram pelos ombros, enquanto seus olhos brilhavam de intenso desejo.

— Se eu a desejo? Eu gostaria que fosse simples assim, então eu talvez pudesse resistir à tentação — ele grunhiu. — Eu *tenho fome* por você, Isobella. Sofro com o desejo que sinto, a ponto de temer a loucura. — Isobella lutou para respirar. *Fome*,.. Sim. Ela também sentia fome por ele. E o desejo também fazia seu corpo todo doer. Seus braços envolveram o pescoço de Bane, e ela pressionou o corpo contra o dele, sentindo sua excitação.

— Então eu quero ser sua, Bane!

Ele a envolveu nos braços, o olhar alerta, como se temesse acreditar na reação de Isobella.

— Você sabe que isso não é possível, meu amor — sua voz soou carregada de dor. — Sou o monstro que você odiou a vida toda. Sou a Fera MacDonnell.

— Não esta noite. — Ela o envolveu com seu olhar amoroso. — Esta noite você é um simples bardo, e eu, uma simples mulher. — Bane gemeu baixinho enquanto fechava os olhos de frustração.

— Você é inocente... Deve esperar para se entregar ao seu marido.

— Não. Eu nunca vou me casar — ela murmurou. — Além do mais, a inocência é minha e tenho o direito de entregá-la ao homem que escolhi. É um direito meu.

— Isobella... — Ela podia sentir a luta que ele travava interiormente. A honra tentando superar a paixão.

Por um momento, temeu que a honra vencesse. O corpo de Bane chegava a tremer enquanto ele a pressionava contra seu peito. Então, com um gemido, ele inclinou a cabeça e se apossou de seus lábios entreabertos.

— Minha linda... Meu amor — murmurou, comovido. — Fiquei sozinho por tanto tempo. Sozinho e sem sentir emoção alguma. Você me despertou para a alegria de viver...

Isobella sentiu o coração quase estourar no peito ao ouvir as palavras que Bane sussurrava contra seus lábios. O clã Foster não vivera solitário nem sofrerá naqueles anos todos. Enquanto a maldição perdurasse, as feridas de Bane jamais cicatrizariam.

Por um momento os dois ficaram ali, trocando gentis carícias. Subitamente, porém, ele a tomou nos braços e a carregou para a cama estreita.

Isobella deitou-se sobre a maciez da manta de penas, os lábios curvando-se em um sorriso enquanto Bane tirava todos os enfeites que lhe prendiam os cabelos. Com cuidado, ajeitou os cachos sobre o travesseiro, enquanto o olhar dele lhe provocava arrepios.

Isobella sentiu-se linda de uma maneira que nunca experimentara antes. De repente, não era mais a teimosa filha do dono do castelo. Não era mais um objeto de medo ou de piedade... Era uma mulher desejável. Uma mulher com o poder de seduzir um homem. Essa sensação de poder baniu de vez qualquer hesitação que ainda pudesse ter, aumentando seu desejo, ajudando-a a tirar o casaco dele e a desamarrar os laços do vestido.

Os lábios de ambos se encontraram enquanto Bane jogava de lado as roupas. Ela acariciou-lhe os cabelos e então se deslumbrou ao ver Bane nu pela primeira vez.

Ele era belíssimo, de uma perfeição espantosa. O tom da pele era o de alabastro. Tinha o corpo esbelto, porém musculoso. Um predador lindo e perigoso, mas com o toque gentil de um anjo.

Quase com agonia, Isobella deslizou as mãos pelos ombros largos enquanto ele traçava um caminho com os lábios pelas curvas de seu pescoço. Ouviu que ele murmurava palavras suaves em uma língua do passado enquanto lhe acariciava os seios, e gemeu de prazer, sentindo os mamilos intumescer. Bane continuou a provocação com suaves lambidas.

— Tão linda... — murmurou, enlevado. — Tão quente...

— Bane... Por favor... — Ela nem sabia bem o que pedia, até que os lábios dele se fecharam sobre um mamilo e ele o sugou com firmeza e ternura ao mesmo tempo. Isobella fechou os olhos e se entregou àquele incrível prazer. Os dedos de Bane eram frios enquanto deslizavam por sua pele, mas transmitiam um calor surpreendente.

Sentiu o corpo tomado por uma espécie de febre quando ele buscou o outro seio. E ela queria mais, muito mais.

Apoiando-se nos cotovelos, Bane contornou os lábios dela com a ponta dos dedos.

— Eu a sinto tão macia e quente sob meu corpo, mas temo que seja um sonho que subitamente será roubado de mim.

— Não sou um sonho, meu amor.

— Não desaparecerá com o nascer do sol? — ele perguntou, continuando com os beijos.

Isobella segurou a respiração. Não. Ela não queria pensar no nascer do sol. Ou no que ele então traria. Havia somente aquela noite... E aquele homem.

— Quero que me ame, Bane — implorou com voz rouca. — Por favor.

— Eu te amo mais do que a minha própria vida. — Ele gemeu os beijos se tornando mais exigentes enquanto lambia os mamilos, contornava os seios e descia a língua cada vez mais para baixo.

Isobella mordeu o lábio para não gritar quando os lábios de Bane passaram pela curva de seu quadril, chegando ao ponto entre as pernas dela e continuando até a ponta dos pés.

As sensações eram intensas demais. Talvez ela não as aguentasse, mesmo assim queria mais, sem mesmo saber o que era.

— Abra-se para mim, Isobella.

Ela se esqueceu de respirar quando Bane tocou com a boca sua intimidade. Jamais imaginara um prazer tão intenso. Agarrou os ombros dele, estremecendo com a carícia insistente e alucinadora.

— Bane...

— Sim — ele murmurou, a língua descobrindo mais pontos sensíveis.

Isobella abriu os lábios para protestar, no entanto as palavras morreram em sua garganta. Oh, como era possível se sentir assim tão... Céus, a palavra até lhe faltava! Gemidos encheram a pequena casa enquanto as ousadas carícias continuavam.

— Bane... Por favor...

Felizmente ele pareceu entender o que ela pedia, e ergueu-se para cobrir o corpo dela, os quadris se encaixando entre as pernas abertas de Isobella,

— Tem certeza? — perguntou baixinho.

Ela entreabriu os olhos. Nas sombras, ele parecia perigoso, com aqueles seus cabelos longos, aquela beleza estupenda e o olhar de fera faminta. Até os dentes caninos ficavam mais visíveis com a claridade que o luar trazia ali para dentro.

Ela devia estar apavorada.

Em vez disso, levou as mãos ao peito largo, acariciando-o, sabendo que queria o que viria a seguir. E aquilo era tudo o que ela mais queria no mundo.

— Tenho certeza.

— Agradeço aos deuses — ele murmurou, inclinando a cabeça para devorar seus lábios.

Com um movimento lento e deliberado, Bane se pressionou contra o centro do calor do corpo de Isobella. Instintivamente, ela enrijeceu. Sabia pouco do que ocorria entre um homem e uma mulher, mas tinha ouvido histórias sobre a dor horrível que uma moça virgem tinha de suportar.

— Relaxe, meu amor. — A voz de Bane soou junto ao seu ouvido, enquanto ele abaixava as mãos para lhe agarrar os quadris. — Meus poderes vão assegurar de que não sinta dor alguma.

Isobella abriu a boca para perguntar que poderes eram aqueles a que ele se referia, somente para gemer de prazer quando sentiu o membro excitado de Bane entrar dentro dela.

Enterrou as unhas em suas costas enquanto gemia.

Não havia palavras para expressar o prazer que sentia ao tê-lo dentro de si. Era como se os dois se completassem, como se ela finalmente se tornasse uma mulher. Aquilo seria o ponto máximo do prazer?

Bane pareceu entender o que ela pensava.

— Calma, meu amor — pediu, antes de tornar a investir contra ela com firmeza. — Prometo que hoje nós dois encontraremos juntos o paraíso.

Isobella sentiu dificuldade para respirar quando os movimentos do corpo de Bane entraram num ritmo crescente e seu peito passou a roçar-lhe os seios continuamente. Por instinto, ela lhe enlaçou os quadris com as pernas, acompanhando com o próprio corpo os movimentos, na tentativa de dar vazão à onda de prazer que começava a espiralar dentro dela e ameaçava consumi-la por inteiro. E então, quando imaginava que fosse se desmanchar de tanto prazer, foi que chegou ao êxtase. O mundo pareceu parar quando seu corpo enrijeceu e passou a convulsionar com espantosa violência. Gritou, enlevada, e Bane a segurou contra o colchão, sem parar com as estocadas até que ele também pareceu entrar em convulsão e, com uma exclamação rouca de prazer, desabou sobre seu corpo já saciado. Rolando o corpo para o lado, Bane envolveu Isobella nos braços. Pressionou os lábios em seus cabelos vermelhos, deliciando-se com seu perfume. Em parte, ele sabia que deveria soltá-la para que ela pudesse se vestir. Ao contrário dele, Isobella devia sentir a friagem do ar.

Mas como poderia deixá-la sair de seus braços? E se ela fosse apenas um sonho e, uma vez livre, viesse a desaparecer nas sombras? Levava uma eternidade para descobrir a mulher que lhe enchia o coração com tanto amor. Ele verdadeiramente morreria se a perdesse.

Por longos momentos, ficaram em silêncio, ambos lutando para se recuperar da poderosa força do desejo. Então, com evidente relutância, Isobella se afastou.

— Bane você precisa ir.

Os braços dele instintivamente a envolveram com mais força.

— Não. Não deixarei *você* aqui.

Ela lhe acariciou o rosto com uma ternura que ele desconheceria por uma eternidade.

— Mas logo o dia irá amanhecer. Você precisa voltar para o seu abrigo.

As feições de Bane endureceram. Isobella tinha razão, claro. Ele podia sentir o amanhecer chegando. Pela primeira vez, no entanto, isso parecia não importar. Não voltaria sozinho ao seu castelo. Não depois de desfrutar a felicidade que Isobella podia lhe oferecer.

— Venha comigo — pediu de repente.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

— O quê?

— Venha comigo. Preciso de você, Isobella. Preciso de seu toque, de seu sorriso e de seu calor. Não conseguirei viver sozinho nunca mais.

A expressão do rosto de Isobella mudou.

— Bane... Isso é impossível.

Alguma coisa bem perto do pânico invadiu todos os sentidos dele. Sabia que estava sendo egoísta. Isobella merecia o que toda mulher desejava na vida: um homem que pudesse lhe oferecer uma família, e amigos, e a promessa de toda uma vida juntos. Coisas que ele certamente não poderia lhe proporcionar.

E, no entanto, ela jurara que nunca se casaria, Bane procurou se lembrar.

Certamente, o amor e a devoção que ele poderia lhe oferecer seria preferível a se tornar uma solteirona, ainda por cima sujeita ao temperamento violento do pai. E, se isso não bastasse, ele poderia lhe oferecer todo o luxo que qualquer mulher desejaria ter.

— Por que, Isobella? Posso lhe oferecer mais do que jamais sonhou ser possível.

Um sorriso triste surgiu nos lábios dela.

— Você já me deu mais do que jamais sonhei.

— Isobella, tive de esperar uma eternidade para encontrar a mulher da minha vida. — Ele a acariciou ternamente no rosto, sabendo, com absoluta certeza, que jamais se cansaria de tocá-la. Estivera perdido e solitário nas trevas por tempo demais, e Isobella era sua salvação. — Não me peça para deixá-la ir embora. Não posso fazer isso.

— Mas eu...

— Eu lhe imploro Isobella! — ele a interrompeu. — Ficarei aqui até o sol nascer. Mesmo que seja reduzido a cinzas, ainda assim continuarei tentando convencê-la de que não conseguirei viver um dia sequer sem tê-la a meu lado.

Isobella sentiu os olhos se inundarem de lágrimas.

— Por favor, não diga uma coisa dessas! — Bane inclinou-se para beijá-la mais uma vez.

— Então venha comigo para a minha casa. Seja minha esposa.

Isobella gemeu, agarrando-se a ele.

— Por favor, devo voltar para o castelo antes que notem que desapareci. Minha irmã ficará preocupada.

— Isobella, olhe para mim... — Bane esperou pacientemente que seus olhares se encontrassem. — Você me ama?

Ela estremeceu ao ouvir a pergunta. Incomodado, ele a sentiu enrijecer, sentiu o coração dela batendo furiosamente, mas permaneceu em silêncio, encorajando-a a dizer a verdade e a admitir o que ela já confessara com cada toque.

— Sim, eu te amo — ela respondeu finalmente.

— E irá comigo?

Isobella desviou o olhar e Bane sentiu-se frustrado. Alguma coisa a atormentava era evidente. Algo que não era somente a perspectiva de um futuro ao lado da Fera MacDonnell.

— Antes de deixar minha família, preciso ver minha irmã. Quero me despedir dela.

Bane fechou os olhos por um momento. A miserável maldição.

Não importava o quanto eles se amassem, sempre haveria aquela praga entre eles. Ter consciência disso o fez gemer de pesar.

Acariciou-lhe os lábios ternamente.

— Você sabe que eu mudaria o destino, se pudesse. — Ele a ouviu suspirar na escuridão.

— Eu sei. — Isobella o pressionou no peito. — Por favor, agora vá antes que seja tarde.

Com relutância, Bane se levantou da cama e se vestiu. A última coisa que desejava era deixar Isobella, mas não podia mais retardar sua saída. O amanhecer estava perigosamente próximo.

Parando por um momento para admirar a beleza da mulher com quem desfrutara o prazer máximo, inclinou-se e a beijou.

— Estarei à sua espera — falou baixinho, antes de finalmente deixar a casa.

Olhando em volta para ver se não havia pessoas por perto, Bane buscou o caminho das sombras. Não havia muitas, e ele soube naquele momento que sua demora quase lhe custara à existência. Ainda assim, não se arrependia de ter desfrutado mais um momento ao lado de Isobella.

Um sorriso surgiu em seus lábios.

Isobella. Pelo fogo do inferno, ela lhe tinha dado muito mais do que apenas sua inocência: havia lhe oferecido sua confiança, seu calor e, acima de tudo, o seu amor. E isso acabara por dar um fim ao vazio que ele sempre tivera dentro dele. Por isso faria de tudo para que ela nunca se arrependesse por ter deixado seu próprio clã a fim de ficar a seu lado, jurou para si mesmo.

Distraidamente, tocou o colar em seu pescoço e parou surpreso. Levou um momento para perceber que o ornamento de ouro estava faltando. Impossível! A corrente era uma joia de família, passada por gerações como presente de casamento. E ele não tinha quebrado a tradição. Oferecera a corrente à sua amada quando ela concordara em se tornar sua esposa. Ela ainda a usava quando tinha se deitado com outro amante, mas no momento em que ele a amaldiçoara, magicamente a corrente aparecera em torno de seu pescoço novamente.

Bane caminhou por um bom trecho da mata, atordoado. A corrente estava conectada à maldição, disso ele tinha certeza. Seu desaparecimento só podia significar uma coisa: a maldição tinha acabado! Isobella havia realizado um milagre.

Praguejando ao sentir a luz do sol chegando, Bane apressou o passo. Queria desesperadamente revelar a Isobella aquela gloriosa verdade. Nada mais os separaria. Eles ficariam juntos por toda a eternidade.

CAPÍTULO VI

Depois que Bane saiu, Isobella deixou-se ficar por mais alguns minutos na estreita cama. Embora tivesse muita coisa para fazer, não podia negar a si mesma o prazer de desfrutar as lembranças da noite maravilhosa que acabara de ter. Aquela paixão desmedida não tinha sido nenhuma surpresa. Sentira-se tomada por um desejo avassalador desde o primeiro momento com Bane.

Tampouco se surpreendera com suas habilidades na arte de amar. Obviamente, ele era dono de poderes além daqueles de um homem comum. Poderes que estivera pronto para usar para assegurar a ela um prazer sexual ainda maior... A ternura com que ele a havia amado era que a tinha pegado de surpresa. Cada toque seu a fizera se sentir especial, adorada. Como se ela significasse mais do que a própria vida para ele. Apesar de sua inocência, Isobella sabia que poucas mulheres tinham a sorte de ser amadas assim. Ouvira de muitas conhecidas casadas, que os maridos tinham relações com elas sempre com muita pressa e sem se preocupar se sentiam prazer ou não. Bane não agira apenas levado pelo desejo, tinha certeza. Havia procurado levá-la ao ápice do prazer como somente um homem apaixonado podia fazer.

Lembrando-se de cada toque, de cada gemido, Isobella por fim deu-se conta de que precisava se levantar. O dia já havia chegado, e suas obrigações não podiam ser adiadas.

Foi enquanto se vestia que percebeu a estranha corrente em volta de seu pescoço. Tocou na joia e sentiu o trabalho artesanal da peça. Ela a tinha visto no pescoço de Bane. Já no primeiro encontro seu olhar fora atraído pelo brilho da corrente. Mas como ele conseguira colocar aquela joia em seu pescoço sem que ela percebesse? E por que ele fizera isso?

Havia tantas perguntas que não conseguia responder!

Porém agora não era o momento de buscar respostas. Tinha coisas muito mais importantes a fazer. E iria começar a realizá-las a partir daquele momento. Depois de se proteger com a capa, deixou o chalé com o coração pesado. Enquanto subia a colina, não se permitiu olhar para trás. Nunca fora dada a arrependimentos.

Logo depois atravessava o vilarejo ainda adormecido.

O sol já tinha surgido quando Isobella por fim chegou ao castelo, procurando entrar sem chamar atenção de criado algum enquanto seguia em direção aos aposentos no andar superior. Felizmente, ninguém notou sua presença e ela se

viu diante do quarto da irmã. Entrou e se aproximou da cama. Então, tocou de leve nos cabelos de Katherine. Ela parecia tão jovem e vulnerável em seu sono, mas Isobella sabia: a irmã escondia uma grande força dentro de si.

Uma força da qual ela iria precisar logo mais.

Como se pressentisse sua presença no quarto, Katherine abriu os olhos, levando um momento para perceber a irmã bem perto da cama; Sentou-se imediatamente.

— Isobella, o que foi? Aconteceu alguma coisa? — perguntou com a voz arrastada por causa do sono.

Ela sorriu carinhosamente.

— Nada que venha preocupá-la, querida. — Katherine olhou para a janela por onde a luz do dia ainda não começara a entrar.

— Deve ter acontecido alguma coisa para você me procurar a esta hora. Nem amanheceu ainda.

— Estou de saída. Tenho uma coisa urgente a fazer.

— Vai sair? — Katherine franziu a testa. — Que coisa urgente é essa?

— Não se agite minha irmã. Vim aqui somente para avisá-la de que não se preocupasse ao perceber que eu não me encontrava no castelo.

Apesar de sempre inclinada a fingir que tudo estava bem, Katherine não era nenhuma tola. Estava ciente de que a irmã não a teria procurado ao amanhecer apenas para lhe comunicar que ia sair.

— Não estou gostando dessa história, Isobella. Que assunto tem a tratar a uma hora dessas?

— É um assunto simples que logo vai se encerrar. — Katherine torceu as mãos nervosamente.

— Por acaso, esse assunto tem a ver com a Fera? — Isobella ficou em silêncio por um momento, perguntando-se como deveria responder àquela pergunta. Não queria deixar Katherine preocupada, mas precisava se assegurar de que a irmã não interferisse, estragando todos os seus planos.

Decidiu falar parte da verdade:

— Sim, tem a ver com a Fera.

Katherine enrubesceu enquanto lutava para conter a raiva.

— Ora, Isobella, não vou permitir que saia! Não vai se arriscar mais uma vez. Quem é que sabe o que a Fera pode fazer assim que a tiver debaixo de suas garras?

Isobella controlou uma risada ao ouvir tais palavras. Por todos os santos,,ela sabia exatamente o que a Fera fazia quando a tinha presa entre suas garras. E havia sido a experiência mais extraordinária da sua vida.

— Não se preocupe — murmurou, enfrentando o olhar cheio de suspeitas da irmã. — A Fera não vai me fazer mal algum.

— Como pode ter toda essa certeza?

— Eu tenho, simplesmente. Confie em mim — retrucou em um tom de voz que desafiava qualquer argumento. — Descobri como fazer com que a maldição chegue ao fim.

O silêncio encheu o quarto enquanto Katherine olhava para a irmã, completamente boquiaberta.

— O que está dizendo?

Isobella lançou-lhe um olhar confiante.

— Posso acabar com a maldição. — Katherine balançou a cabeça.

— Não é verdade. A maldição não pode ser quebrada! Papai jurou que...

— Papai nunca moveu um dedo sequer para descobrir se havia essa possibilidade! — Isobella exclamou. — Era mais fácil ficar se acovardando dentro do castelo e entregar a filha em sacrifício do que arriscar o próprio pescoço.

— Não deve ser assim tão dura com papai, Isobella. Ele nunca possuiu a sua coragem. — Katherine sorriu tristemente. — Poucos possuem tal coragem. — Isobella balançou a mão, dispensando o assunto. Não iria perder momentos preciosos discutindo sobre a coragem de um homem que teria condenado à morte a própria filha.

— Isso não importa mais. — Lançou à irmã um olhar sério e confiante, querendo que Katherine acreditasse que ela dizia a verdade. — Você está livre da maldição.

Katherine piscou várias vezes, confusa, ainda incapaz de aceitar que a ameaça que a atormentara a vida inteira havia desaparecido.

— Pelos santos, Isobella, tem certeza?

— Absoluta, minha querida.

— Eu... — Katherine engoliu em seco. — Mal posso acreditar nisso.

— Eu lhe asseguro que é a verdade.

— Mas o que tenho de fazer para que isso aconteça?

Isobella sorriu e acariciou a mão da irmã.

— Você não vai ter de fazer nada. Eu me encarregarei de tudo.

Ainda surpresa, Katherine balançou a cabeça.

Isobella sentiu-se grata pela facilidade com que a irmã aceitara a notícia, contentando-se com tão poucas explicações.

— Parece um sonho impossível — Katherine murmurou ainda abismada.

Uma felicidade enorme invadiu o coração de Isobella enquanto observava a luz que brilhava nos olhos da irmã. Embora nunca antes Katherine houvesse reclamado de seu destino, sempre pairara uma sensação de inquietação em suas vidas. Agora a esperança que ela tornara possível brilhava nos olhos verdes da moça. E a lembrava de que o tempo estava passando rápido demais.

Enquanto a maldição ainda durasse, havia perigo de que Katherine fosse enfeitiçada. Bane afirmara que o sacrifício era algo contra o qual ele próprio

nunca pudera lutar. Acontecia, simplesmente, mesmo ele não querendo que acontecesse. E ela não iria se arriscar a fracassar desta vez.

Endireitando os ombros, afastou-se da cama da irmã.

— Katherine, antes de sair, quero lhe pedir uma coisa.

— Claro! Sabe que eu faria qualquer coisa por você, Isobella. Só tem de pedir.

— Quero que confesse a Douglas os seus sentimentos.

Katherine arregalou os olhos diante do pedido inesperado,

— O quê?

— Não importa o que nosso pai ou alguém mais possa dizer você não deve aceitar outro homem que não seja aquele a quem ama — Isobella falou com convicção. — Riquezas e poderes não têm valor algum quando comparados à verdadeira devoção.

Katherine balançou vagarosamente a cabeça, com uma nova esperança no olhar.

— Nunca cheguei a fazer planos para o futuro junto a um homem. Nunca pensei que pudesse constituir uma família.

— Agora você poderá fazê-los.

— Sim... Oh, Isobella, como posso lhe agradecer?

— Apenas sendo feliz, não importando o que o futuro traga em sua vida. Mas agora preciso ir — Isobella afirmou, satisfeita ao pensar que a irmã finalmente teria o futuro que merecia.

Sem aviso, Katherine a segurou pelo manto antes que ela deixasse o quarto.

— Isobella...

— O que foi querida?

— Você vai tomar cuidado?

— Tudo vai dar certo. — Ela gentilmente livrou o manto das mãos da irmã.
— Volte a dormir Katherine.

Saiu do quarto apressadamente e rumou para o seu próprio, a fim de apanhar o punhal que tinha deixado perto da cama. Pegou-o e saiu sem olhar para trás.

A caminho dos portões, como de costume, viu-se quase parada mais de uma vez por criados que queriam cumprimentá-la ou lhe pedir conselhos. Dessa vez, contudo, passou por todos, sem nem mesmo responder aos cumprimentos, os pensamentos concentrados apenas em um objetivo. Logo se viu entrando na mata fechada.

Chegou finalmente à clareira e parou. Tirou o manto, ajoelhou-se e fez uma prece silenciosa.

Somente quando estava pronta, permitiu a si mesma lançar um olhar para as sombras que rodeavam o lugar.

— Perdoe-me, Bane — murmurou, levantando o punhal e enterrando-o no peito.

Bane praguejou enquanto caminhava pela mata. Pelo fogo do inferno! Ele podia sentir a presença de Isobella. Sentira-a no momento em que ela deixara a proteção do castelo do pai e entrara na floresta. A princípio ele se vira tomado de alívio pela aproximação da amada. Embora Isobella houvesse prometido ir ao seu encontro, ele ainda tivera suas dúvidas.

E se ela caísse em si e percebesse que poderia se casar facilmente com um homem que lhe oferecia a chance de ter uma família e um lugar dentro do clã? Ou concluísse que não poderia aceitar um monstro que logo poria as garras em sua amada irmã? Isobella ainda não sabia que a maldição tinha sido quebrada. E ele não tinha meios de lhe revelar a verdade até que a noite mais uma vez descesse sobre a Terra. Quem poderia culpá-la por concluir que os sentimentos que nutria por ele não valiam o sacrifício que ela teria de fazer pela vida toda?

Certamente ele não a culparia.

Mas então seus medos tinham sido afastados enquanto ela vinha em sua direção. Na verdade, ele quase caíra de joelhos em gratidão. Isobella estava vindo ao seu encontro! Abençoados fossem os céus, ele não estava condenado a uma eternidade de dolorosa solidão.

Ansioso por saudá-la, ele ousara sair do castelo, e agora se encontrava em uma área sombreada da mata. Enquanto esperava, uma sensação de inquietude invadiu seu coração. Isobella parará na clareira, pressentiu. O que ela estava fazendo?

Podia sentir que não havia ninguém perto dela, nem mesmo um animal que a tivesse assustado. Então, por que ela não vinha?

— Isobella! — chamou tenso. — Isobella?

— Temo que ela não vá conseguir escutar. — Aparecendo em meio à neblina, a velha bruxa lhe dirigiu um olhar cheio de segredos. — Pelo menos, não neste momento.

— Você! — Bane franziu a testa, os instintos todos em alerta. — O que você fez?

— O que eu fiz? — A bruxa agitou seus braceletes e arrumou o manto.

Bane deu um passo à frente. Não estava disposto a decifrar enigmas naquele momento. Não quando Isobella estava agindo tão estranhamente.

— Você esteve com Isobella em minha antiga casa. O que fez a ela?

A bruxa deu de ombros, sem se intimidar com o tom perigoso de Bane.

— Não fiz nada a não ser lhe oferecer o que ela mais desejava.

— E o que era isso?

— As respostas que procurava.

Bane sentiu um arrepio. Ele deveria ter suspeitado de que não havia sido apenas obra do destino o que tinha permitido a Isobella descobrir a verdade sobre ele.

— Você lhe deu os retratos e lhe revelou que eu era a Fera MacDonnell — ele a acusou.

— Sim.

— Esperava assustá-la para que ela se afastasse de mim?

Um sorriso surgiu nos lábios da feiticeira.

— Ela é uma mulher de coragem. Eu sabia que ela não se assustaria tão facilmente.

Bane balançou a cabeça, confuso. A bruxa poderia ter feito alguma coisa para afastar Isobella de seu caminho. Se fosse isso, ele nunca a perdoaria.

— E o que mais você lhe revelou?

— Ela quis saber como poderia acabar com a maldição.

— Ela pretendia pessoalmente quebrar a maldição?!

A bruxa balançou a cabeça, concordando.

— Por um preço, obviamente.

Bane sentiu um gosto amargo na boca.

— Qual preço?

— Um sacrifício feito espontaneamente.

— Não! — Bane agarrou a bruxa e a sacudiu. Já não se importava se a velha o devolvesse ao túmulo. Tudo o que importava era que Isobella não pagasse pelos pecados dele. — Pelo fogo do inferno, não permitirei que Isobella se sacrifique! Se é um sacrifício o que você exige, então me leve, não a Isobella!

— O sacrifício deve vir da parte de uma filha de Foster.

— Nunca! Eu vou impedir que...

As palavras desesperadas de Bane trouxeram-lhe uma dor aguda ao peito. Por um momento ele pensou que a bruxa lhe tivesse colocado um feitiço. Poderia estar querendo puni-lo daquela maneira.

Pressionou o peito em busca de uma ferida mortal, mas nada encontrou. Não havia ferimento algum.

Arregalou os olhos, aceitando que a dor não era sua. Era de Isobella!

Sem pensar, ele girou nos calcanhares, ignorando a bruxa, e saiu da área sombreada. O sol da manhã certamente o mataria, no entanto ele tinha de tentar alcançar Isobella. Tinha de fazer algo que a salvasse. Passando pelo meio do bosque, estranhou que a neblina parecia acompanhá-lo. Devia ser arte da feiticeira, que o seguia no mesmo passo que ele. Não chegou a se sentir grato à bruxa. Nem podia, já que agora podia avistar Isobella caída no chão com um ferimento sangrando no peito.

Caindo de joelhos ao lado dela, Bane ternamente a tomou nos braços.

— Por todos os santos... Isobella! — chamou com voz rouca, levantando um olhar desesperado para a feiticeira que agora estava a seu lado. — Faça voltar à maldição!

Tomada por uma profunda tristeza, a bruxa balançou a cabeça.

— A maldição foi quebrada no momento em que ela lhe ofereceu seu amor.

Bane arregalou os olhos.

— Foi nesse momento? Quando ela se entregou a mim?

— Sim. — Com cuidado, a velha mulher tirou o punhal do peito de Isobella e abaixou o xale para cobrir o corpo ensangüentado. — Foi o ódio que gerou a maldição. Somente o amor poderia bani-la.

— Então, por que ela fez isso?

— Porque pensou que o único modo de salvar você e a irmã dela fosse esse.

Uma fúria acima de qualquer outra que ele já experimentara antes tomou conta de Bane. Ele era o culpado. Sua necessidade egoísta de punir aqueles que o haviam magoado o trouxera àquele momento. Agora ele podia verdadeiramente saber o que era o inferno.

Rangendo os dentes, tomou Isobella nos braços, desejando fazer um pacto com o diabo se preciso fosse para salvar sua amada.

— Você pode salvá-la! — gritou para a feiticeira. — Você possui os poderes!
— Ela balançou a cabeça.

— Não, os poderes não são meus.

— O que quer dizer com isso?

A bruxa o tocou de leve no rosto.

— Os poderes são seus. Você sempre os teve. — Bane sentiu o impacto das palavras.

— Meus? Isso é ridículo. Não sou mais do que um simples bardo. Não tenho poderes.

— Ah, sim, você os possui. Foram eles que o tiraram do túmulo, eu apenas o assisti para se focar no que queria.

Bane começou a negar as palavras da bruxa, mas então se lembrou do que acontecera na noite em que havia sido assassinado. Recordou-se da dor, da raiva e da sensação de perda. Mas mesmo na escuridão e no frio que o envolveu, ele se recusara a aceitar a derrota. Concentrara-se e moldara uma arma só sua... Como o pai, que conseguia obter música de um pedaço de madeira, ele tinha criado uma vida além da morte.

— Meus poderes — murmurou, transfixado.

— Você deve acreditar neles, assim como Isobella acreditava em você. Se não conseguir, ela morrerá.

Com uma última carícia em seu rosto, a bruxa desapareceu em meio à neblina. Desesperado, Bane olhou para a pálida mulher que tinha nos braços. Ele podia salvá-la. Mas somente se ela estivesse disposta a compartilhar a existência que ele tinha escolhido para si mesmo. Não poderia forçar Isobella a aceitá-la.

— Isobella?

Por um momento, não houve resposta alguma, e Bane teve medo de que já fosse tarde demais. Então, finalmente, ela entreabriu os olhos.

— Bane... — Sua voz estava terrivelmente fraca. — Não devia estar aqui. O sol...

Bane se surpreendeu. Já existira alguma vez uma mulher como aquela? Mesmo morrendo, sua única preocupação era com o bem-estar dele. Isobella era totalmente desprovida de egoísmo.

— Calma, meu amor. Estamos na sombra.

— Na sombra? Como isso é possível?

— Não importa minha amada.

Com visível esforço, ela levantou a mão e tocou em seu braço.

— Estou feliz que você esteja aqui. Não tive coragem de lhe dizer adeus.

Uma dor maior do que qualquer punhal enfiado no coração tomou conta de Bane.

— Maldição, Isobella! Por que foi tão tola?

Um leve sorriso surgiu nos lábios dela diante da fúria na voz de Bane.

— Desculpe-me, mas eu precisava fazer isso.

Ele fechou os olhos por um momento. Depois os abriu e a encarou.

— Não, Isobella, não precisava.

— Mas Katherine...

— Katherine não estava mais em perigo — ele confessou suavemente. — A maldição foi quebrada. Terminou no momento em que você me ofereceu o seu amor. Esta corrente em seu pescoço é a prova disso.

Ela entreabriu os lábios, ainda não acreditando no que ouvia.

— Oh, meu Deus! Eu estava determinada a me tornar uma mártir. Na verdade, estava orgulhosa de ser capaz de me sacrificar por você e por Katherine... Agora até isso me é negado. Vou morrer por nada.

Bane franziu a testa. Que bobagens ela estava pensando agora? Isobella era uma mulher inteligente. Não era possível que estivesse imaginando que ele a deixaria se sacrificar e que isso não fosse levá-lo a se reunir a ela no túmulo.

— Acredita que tanto Katherine como eu desejamos que você fosse uma mártir? Ambos seríamos capazes de morrer para não perdê-la!

Isobella estremeceu.

— Mas agora é tarde demais.

— Não, não é tarde demais, meu amor.

— Bane, sei o que está acontecendo. — Ela lutou para falar, a dor forte demais no peito. — Estou morrendo.

Bane ficou indeciso, pensando se simplesmente não devia usar de seus poderes antes que fosse tarde demais.

— Posso mantê-la livre da morte se você quiser. Os dedos dela pressionaram o braço do amado.

— Não. Isso não é possível. — Ele sorriu levemente.

— Não sabe o que diz meu amor. Não sou a prova viva de que isso é possível? Mas tal vida não vem sem um preço, Isobella.

— Preço? — Ela voltou a estremecer os pensamentos se tornando confusos. — Ah... A luz do sol.

— Sim. Não suporto a luz do sol, nem o fogo. E para sobreviver, tenho de beber sangue dos outros.

Isobella arregalou os olhos.

— Sangue?

— É o único modo de me manter vivo. — Bane podia ver o conflito dentro dela. Isobella resistia a ceder ao preço da imortalidade. Poderia intervir na decisão dela, claro, mas não queria forçá-la a uma decisão que pesaria tanto em seu futuro.

— Você mata os outros para se manter vivo? — ela perguntou com voz fraca.

Bane sacudiu a cabeça.

— Não é necessário matar. Na verdade, aqueles que escolho nem mesmo ficam sabendo que me alimentei deles.

Isobella levou a mão ao pescoço.

— Você se alimentou de mim... Na primeira noite!

— Não fiz isso, mas usei minha magia para fazê-la se esquecer do nosso encontro — ele confessou com um sorriso, facilmente capaz de se lembrar de cada momento daquela primeira vez. Desde o começo ela demonstrara ser a mulher destinada a perturbar a sua paz. — Não que tivesse dado certo. Você é claramente mais teimosa do que todas as outras mulheres.

O comentário trouxe um sorriso aos lábios de Isobella.

— É o que todos sempre me disseram.

Bane enterrou o rosto nos cabelos da amada. Não sobreviveria sem ela. Nem mesmo por um instante.

— Eu faria tudo para ter você comigo, Isobella, mas a escolha deve ser sua — murmurou junto ao seu ouvido. — Não posso forçá-la a uma existência como a minha.

Ele sentiu que Isobella lhe acariciava os cabelos.

— Ficariamos juntos?

— Por toda a eternidade.

— O problema, Bane, é que não tenho muita certeza de que a eternidade seja tempo suficiente. Seus olhares se encontraram e uma esperança brotou no peito de Bane.

— Então você concorda? Aceita o preço?

— Nenhum preço será alto demais se você estiver a meu lado... — Tomado pelo alívio, Bane começou a lhe beijar o rosto freneticamente, agradecendo aos céus por não perder a mulher que amava demais. — Isobella!

— O que devo fazer?

Bane tirou o casaco e arregaçou a manga da camisa para deixar o punho visível. Então a olhou com firmeza, permitindo que seus caninos se alongassem. Não deixou de perceber que ela segurara a respiração ao vê-lo em sua verdadeira forma. Mas Isobella não desviou o olhar quando ele ergueu o braço e enfiou os dentes em seu próprio punho.

Esperando que o sangue fluísse livremente, Bane abaixou o braço e pressionou o punho nos lábios dela.

— Beba — ordenou-lhe gentilmente. Mantendo o olhar preso no de Bane, ela abriu a boca para permitir que o sangue passasse por entre seus lábios. Levou menos de um segundo para que sua pele retomassem a cor rósea e a respiração passar a fluir facilmente.

Bane acariciou-lhe o queixo enquanto seu poder passava para o corpo da mulher que ele escolhera para si. Isobella estremeceu com a força da transformação, porém Bane sabia que ela não sentia dor alguma e que logo se acostumaria às novas sensações que fluiriam em seu ser. Finalmente, Isobella abriu os olhos, voltando-se para ele.

— Isso é tudo?

— Não. Agora terei de me alimentar também. — Sem hesitação, ela afastou os cabelos da nuca, uma expressão de calma aceitação no olhar.

— Está bem.

Abaixando a cabeça, Bane deslizou a língua na curva da nuca de Isobella antes de pressionar os caninos para dentro de sua pele.

— Bane... — ela murmurou, arqueando o corpo e se agarrando aos cabelos dele.

Por um momento, ele teve medo de tê-la machucado e recuou horrorizado.

— Não, não pare! — ela pediu as mãos pressionando para que os caninos entrassem mais fundo em sua pele. — A sensação... É fantástica! — Ele testou o sangue dela e subitamente tomou consciência do que ela dizia. Sim, pelo fogo do inferno, era extraordinário! O calor tomou conta de seu corpo. Podia sentir a essência de Isobella dentro dele, mais intimamente do que quando a penetrara na noite anterior. Fechando os olhos, permitiu-se desfrutar aquele milagre. Agora Isobella se tornara sua esposa e amante, uma realidade que ele aceitava com alegria. Ficariam juntos por toda a eternidade. Estremeceu, esperando que a sensação de êxtase esmorecesse. Então a beijou apaixonadamente.

— Você é minha! — exclamou, cheio de satisfação. Os dedos de Isobella acariciaram o rosto do amado.

— Da mesma forma como você é meu.

Com um esforço, Bane levantou a cabeça para observar as feições pálidas de Isobella.

— Como está se sentindo?

— Eu... — Ela murmurou, arregalando os olhos.

— Por todos os santos!

— O que foi? — Bane perguntou, alarmado.

— A dor... Passou. — Bane fechou os olhos, enviando uma prece de agradecimento aos céus. Ele não tinha certeza de que merecia aquela mulher fantástica. Na verdade, depois dos dois últimos séculos, tinha certeza de que não a merecia. Mas quem era ele para ir contra aquele bondoso destino que o havia abençoado? Poucos homens tinham a chance de desfrutar a verdadeira felicidade. E não iria se opor à felicidade. Jamais.

Rindo, levantou-se e suspendeu Isobella nos braços.

— Venha, meu amor. — Bane arqueou a sobrancelha, surpreso que ela não protestasse. Ao contrário, Isobella o enlaçara pelo pescoço.

— O que está fazendo, Bane? — Ele a olhou amorosamente.

— Estou levando você para casa. Onde é o seu lugar.

— Para casa... *Minha casa*. — Ela repetiu a palavra bem devagar antes que surgisse um sorriso em seus lábios. — Ah, sim, precisamente aonde eu pertenço.

FIM